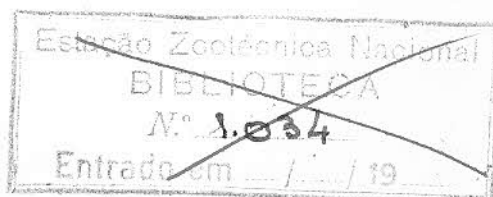
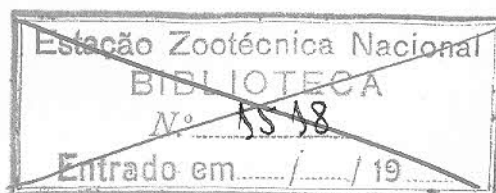


BOLETIM PECUÁRIO



INTENDÊNCIA DE PECUÁRIA DE ELVAS

É este relatório o registo e apreciação dos resultados apurados no *Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira*, referido a 31 de Dezembro de 1940.

Salvo o apuramento de cabeças manifestadas, todos os outros elementos foram por mim colhidos em momento de intenso trabalho, ocupado no serviço da profilaxia da tuberculose dos bovinos leiteiros e na elaboração de um relatório sobre zooparasitoses.

OS TRABALHOS DE MANIFESTO

A data dos trabalhos de manifesto encontrava-me no exercício da função de deputado à Assembléia Nacional, o que explicará certa deficiência de pormenorização sobre a forma como decorreram êsses trabalhos, o interesse nêles pôsto pelos veterinários municipais e o auxílio prestado pelas autoridades administrativas.

Contudo, por informações recebidas de várias fontes, não duvido da boa vontade daquelas individualidades, conquanto os números deixem presumir faltas de declaração, estas quasi só da parte de pequenos donos de animais de capoeira. No resto, em manifestantes e em cabeças de gado, convenço-me que o presente recenseamento, segundo impressão colhida, corresponde a uma aproximada exactidão entre os quantitativos apurados e as existências reais.

As diferenças entre o número de declarantes em 1934 e em 1940 são:

CONCELHOS	Manifestantes		Diferenças	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Total	9.470	7.400		2.070
Arronches	1.007	823		184
Aviz	1.401	1.056		345
Campo-Maior	935	408		527
Elvas	2.669	2.083		586
Fronteira	942	776		166
Monforte	1.131	773		358
Sousel	1.385	1.481	96	

O exame destas cifras mostra que só num concelho, o de Sousel, é que o arrolamento pecuário de 1940 apresenta um número de declarantes superior ao de 1934. A explicação da diferença positiva nesse concelho deve-se ao aumento de manifestantes de animais de capoeira, manifestantes cujo número em tôdas as outras circunscrições municipais sofreu baixa mais ou menos pronunciada, como revela o quadro a seguir concernente aos

Declarantes de animais de capoeira

CONCELHOS	Manifestantes		Diferenças	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Total	8.284	6.742		1.542
Arronches	925	775		150
Aviz	1.156	956		200
Campo-Maior	745	342		403
Elvas	2.408	1.869		539
Fronteira	785	684		101
Monforte	1.002	729		273
Sousel	1.263	1.387	124	

Da comparação dos números dos dois referidos quadros deduz-se que, dos 2.070 declarantes a menos em relação a 1934, pertencem 528 ao grupo dos possuidores de gados e 1.542 ao dos detentores de animais de capoeira, conforme melhor deixa ver o quadro referente à diminuição de manifestantes, indicada segundo cada espécie animal.

ESPÉCIES	Manifestantes		Menos
	1934	1940	
Eqüina	921	639	282
Muar.	2.342	2.199	143
Asinina.	3.295	2.273	1.022
Bovina	515	495	20
Ovina	1.164	1.019	145
Caprina.	806	643	163
Suína.	2.920	2.111	809
Animais de capoeira.	8.284	6.742	1.542

O número de manifestantes diminuiu, pois, em tôdas as espécies, mas o confronto dos três quadros revela que o maior quinhão das diferenças registadas per-

tence realmente aos declarantes de animais de capoeira, o que tanto se pode inferir do desaparecimento de boa parte das espécies dêste grupo, em virtude da carência e elevado preço dos alimentos (cereais, sêneas, etc.) sem contrapartida no preço da venda dos ovos e da carne, como da relutância ou incompreensão de alguns possuidores de animais dessas espécies em cumprirem um dever que a muitos respeitos interessa à economia da Nação, ou ainda de ambas as coisas.

EFFECTIVOS PECUÁRIOS

Os effectivos específicos agora apurados e respectivas diferenças em relação aos de 1934 constam do quadro a seguir:

ESPÉCIES ANIMAIS	EFFECTIVOS (Cabeças naturais)		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Gados				
Eqüinos	2.946	2.934		12
Muares.	6.948	6.753		195
Asininos	5.298	3.704		1.594
Bovinos.	11.687	11.391		296
Ovinos	188.651	204.473	15.822	
Caprinos	24.763	17.038		7.725
Suínos	69 147	64 572		4.575
Animais de capoeira				
Galinhas	96.438	76.858		19.580
Patos	3.746	3.635		111
Perus.	6.444	5.645		799
Pombos.	17.555	20 893	13.338	
Coelhos.	12.804	10.528		2.276

Enquanto em 1940 os manifestantes de cabalinos e muares, como atrás se viu, foram menos 282 e menos 143, respectivamente, a diminuição no número de cabeças das mesmas espécies foi apenas de 12 na primeira e 195 na segunda.

Isto representa concentração ou acumulação de cabeças cavallares e muares em menor número de donos e, quanto às primeiras, traduz redução do número de criadores em condições de suportarem as despesas que a eqüicultura demanda.

Relativamente às muares, a exportação para França, ocasionada pela guerra logo no princípio da beligerância, explica a baixa agora registada, havendo de notar-se que foram os pequenos lavradores quem forneceu maior contingente.

Para a menor quantidade de asininos agora apurada deve ter contribuído o empobrecimento dos respectivos donos, em geral gente humilde (pastores, cabreiros, porqueiros, etc.), empobrecimento derivado principalmente de certa ostentação de

luxo, das soldadas em dinheiro em vez de pagas em géneros, etc., e certamente a relutância de fazerem a respectiva declaração com receio de impostos.

A baixa no número de bovinos deve provir da substituição dêste gado pelo muar nos serviços agrícolas.

Apesar do que se tem divulgado, o desaparecimento de vacadas por efeito da bovicultura se haver tornado ruïnosa não encontra confirmação no exame dos respectivos números nos dois arrolamentos. Assim, em 1934 existiam 565 cabeças bovinas não leiteiras até 6 meses de idade e 863 em 1940; em 1934 havia 218 bovinos leiteiros até 6 meses de idade e 223 em 1940. No total de fêmeas com mais de 18 meses de idade verifica-se que em 1934 existiam 3.629 cabeças e 3.588 em 1940, isto é, 41 a menos por junto.

Quanto à diferença para menos no efectivo caprino, a diminuição de pastagens apropriadas por efeito da maior e melhor cerealicultura é justificação cabal.

No tocante aos suínos há-de considerar-se a diminuição do número de declarantes como resultado do empobrecimento dos pequenos donos e do receio de manifestos e a do número de cabeças manifestadas como derivada da exportação para Espanha (em 1940 saíram pela fronteira do Caia 17.527 suínos, muitos dêles da área desta Intendência de Pecuária) e do baixo preço da carne (60\$00 a arrôba).

Resta apreciar a diferença nos arietinos, expressa na diminuição de 145 manifestantes, devida ao depauperamento económico dos pequenos agricultores, e no aumento de 15.822 cabeças, significativo dum melhor aproveitamento das pastagens que brotam nos terrenos em repouso.

Convertendo as cabeças naturais em cabeças normais segundo a equivalência adoptada no arrolamento de 1934, achamos 58.739 cabeças de gado grosso na área desta Intendência de Pecuária, menos 1.256 do que em 1934. Esta redução, pouco superior a 2 %, corresponde a menos 2.289.261 escudos, consoante as médias do arrolamento de 1934.

Este empobrecimento afectará apenas a animalicultura ou não será antes sintoma dum estado económico mais ou menos precário das explorações agro-pecuárias?

Os seguintes elementos, colhidos em balanços de gerência da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do concelho de Elvas, respondem à pergunta.

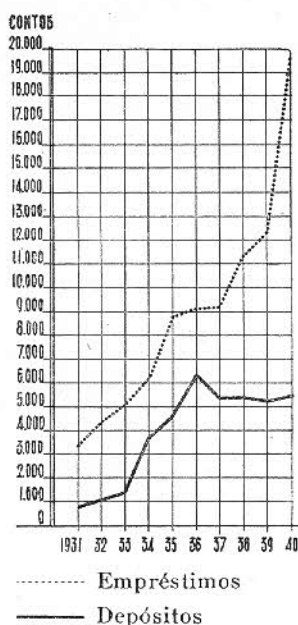
Empréstimos feitos pela Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Elvas aos seus sócios

ANOS	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940
Milhares de contos.	3.458	4.557	5.107	6.143	8.845	9.117	9.138	11.355	12.333	19.726

Depósitos referentes a 31 de Dezembro de cada ano

ANOS	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940
Milhares de contos.	924	1.176	1.575	3.786	4.617	6.222	5.160	5.185	5.108	5.355

O gráfico seguinte resume e objectiva melhor os elementos numéricos dos dois quadros.



Os empréstimos são feitos aos agricultores do concelho de Elvas sócios da Caixa e os depósitos representam grande parte das disponibilidades da economia agro-pecuária do mesmo concelho, que é quasi exclusivamente agrícola (são depósitos à ordem e a prazo-de particulares).

Deve notar-se que nem todo o quantitativo dos depósitos é poupança e que também alguns empréstimos foram aplicados em melhoramentos, plantações e outros fins.

Feita esta reserva e posta a indicação de que o movimento da Caixa representa muito do que a actividade agro-pecuária pode manifestar em progresso ou empobrecimento, vai-se tentar relacioná-lo com a economia da indústria rural.

Para isso partiremos de 1932, não só porque esse ano é considerado como representante do fim da crise que chegou a atingir o nosso sistema bancário, mas também porque a cerealicultura extensiva chegou nesse ano ao máximo, não podendo esta por tal motivo ser invocada posteriormente como determinante de maior necessidade de capitais.

O exame do gráfico anterior mostra que o aumento dos empréstimos, constante na série de dez anos, manifesta uma subida brusca de 1939 para 1940. ¿Tratar-se-á de um progresso económico, de uma absorpção de actividade prestamista local pela Caixa de Crédito Agrícola em detrimento de outras entidades ou de pessoas, ou não será antes efeito de um empobrecimento?

Ainda que faltem elementos estatísticos, é certo que muitos empréstimos deixaram de ser realizados pelo Banco de Portugal apesar da oferta de sólidas garantias. Não faltam, pois, pedidos creditórios e a lavoura prefere efectuá-los na Caixa.

Não obstante, essa preferência não explica a notável diferença do montante dos empréstimos aos agricultores em 1939-1940. ¿Justificará a expansão do complexo agro-pecuário essa procura de dinheiro? Não se nota modificação nem desenvolvimento nas explorações do agro, que justifiquem num decénio o movimento de empréstimos no montante de 16.268 contos, movimento que só de 1939 para 1940, último ano desse período, aumenta 7.393 contos; o regime de culturas ficou o mesmo e não são algumas plantações de olivedo e certo desenvolvimento da cultura de pimentão, que podem explicar tal absorção de capitais.

Dêste modo o empobrecimento agro-pecuário revela-se causa do aumento das verbas de empréstimo.

Deve, porém, explicar-se que 3.451 contos são prorrogação de empréstimos pela Campanha do Trigo, excepcionalmente permitida, a que há-de juntar-se o quantitativo dos empréstimos para sementeira em 1940, englobado no balanço referente a 31 de Dezembro desse ano.

O aumento dos empréstimos fica assim reduzido a cerca de 2.500 contos, correspondendo uma parte à progressão normal verificada nos serviços da Caixa e outra, aproximadamente 1.500 contos, representando empobrecimento.

A esta importância deve acrescentar-se aquela que, por estimativa, é atribuída ao empobrecimento correspondente à agricultura nos empréstimos da banca e prestamistas do concelho de Elvas, ou sejam cerca de 1.000 contos.

No respeitante a depósitos, a sua linha ascendente, a partir de 1932, atinge o máximo em 1936 (ano da liquidação das boas colheitas de cereais de 1934 e 1935), diminui 1.062 contos de 1936 a 1937 e estabiliza-se depois até 1940.

A produção cerealífera e o valor dos gados, que são os principais elementos económicos, podem relacionar-se com o movimento financeiro pela comparação, já feita, das existências pecuárias manifesta das nos dois últimos arrolamentos e pelo exame dos dois seguintes quadros:

Produção de trigo

(Quilogramas)

CONCELHOS	ANOS					TOTAL
	1936	1937	1938	1939	1940	
Arronches	1.219.921	2.936.540	2.377.077	4 146.848	1.225.183	11.905.569
Aviz	1 526.230	3.249.766	3.114.178	3.316.193	1.897.311	13.103.678
Campo-Maior	2 195.279	4.408.709	5 031.856	6 308.134	2.403.706	20.347.684
Elvas.	5.971.359	10.803.952	9.878.140	15 433.679	6 849.496	48 936.626
Fronteira.	2.505.343	5.247.108	4.352.894	4.893.905	2.177.831	19.177.081
Monforte.	1.336.761	1.286.176	3.097.961	4.978.220	1.847.768	12.546.886
Sousel	1.897.766	4.250.791	4.726.496	5.222.201	5 488.725	21.585.979
Total	16.652.659	32.183.042	32 578.602	44 299.180	21.890.020	147.603.503

Produção das culturas anuais e da de azeite e vinho na área da Intendência de Pecuária de Elvas

ANOS	Milho (Litros)	Centeio (Litros)	Aveia (Litros)	Cevada (Litros)	Arroz (Litros)	Fava (litros)	Feijão (Litros)	Grão de bico (Litros)	Batata (quillogr.)	Azeite (Litros)	Vinho (Litros)
1936	534.040	853.110	14.563.010	5.790.630	118.715	4.998.800	92.980	2.596.550	1.044.500	3.566.340	422.975
1937	581.990	878.680	21.054.370	8.254.560	150.549	6.586.420	107.750	1.879.720	1.075.090	4.499.270	590.388
1938	665.470	793.840	17.987.530	8.690.930	93.567	5.010.850	83.740	2.108.610	1.103.050	3.012.520	1.461.612
1939	1.014.330	804.780	23.919.260	8.361.250	90.004	5.769.020	88.340	2.341.990	1.316.760	4.533.800	698.883
1940	1.037.960	693.560	8.449.040	5.939.760	100.038	3.131.270	77.780	1.747.610	1.355.110	3.067.220	46.220
Total	3.838.790	4.023.970	85.923.210	37.037.130	552.873	25.496.360	450.590	10.674.480	5.891.110	18.679.150	3.220.078
Média anual.	766.758	804.794	17.184.642	7.407.426	110.574	5.099.272	90.118	2.134.896	1.178.222	3.735.830	644.015
Valor da produção média anual (Escudos).	575.068	724.314	8.592.321	4.444.455	165.861	4.589.344	270.354	2.134.896	824.755	20.920.648	579.613
Preço médio por unidade em 1940	0\$75	0\$90	0\$50	0\$60	1\$50	0\$80	3\$00	1\$00	0\$70	5\$60	0\$90

A pequena produção cerealífera de 1936 provoca diminuição de depósitos e aumento de quantia emprestada em 1937. A regular colheita cerealífera e a boa produção de azeite em 1939 não chegaram para impedir os efeitos das fracas produções de cereais em 1937, 1938 e 1940. A consequência foi a estabilização dos depósitos e o aumento dos débitos, apesar do recurso às vendas de gado para satisfazer necessidades urgentes de dinheiro.

A capitação de depósito foi de 45\$68 em 1932 e de 187\$22 em 1940; a capitação dos débitos foi de 177\$01 em 1932 e de 689\$67 em 1940.

Em relação ao hectare, em 1932 o depósito foi de 41\$97 e de 191\$11 em 1940; em 1932 o empréstimo foi de 162\$63 e de 704\$35 em 1940.

Depósitos e débitos elevaram-se cerca de quatro vezes tanto em relação à capitação como à área de terreno.

Nota importante a extrair é o acréscimo de movimento deste estabelecimento, patenteado nas diferenças de depósitos e empréstimos nos oito anos.

Quanto às suas relações com a economia, é fora de dúvida que não houve poupança; não se observa criação de novas economias, pelo que deve tomar-se como sinal alarmante a subida brusca dos empréstimos de 1939 para 1940 sem contrapartida no depósito, que se mantém estacionário.

O fenómeno fôra previsto ¹.

Não será descabido registrar aqui a opinião da Direcção da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Elvas, expressa nos seus relatórios de 1936 e 1940, classificando de *derrocada e ruína de grande parte da família agrícola* o caminho que a sua economia leva.

Por último note-se que a concentração da exploração pecuária registada nos respectivos quadros mais não é do que manifestação de crise.

A história das coligações económicas — *trusts* e *cartéis* — confirma-o. E seja nos Estados Unidos, onde aquêles abundam, ou na Alemanha, pátria dos segundos, a concentração representa sempre a procura de elementos de resistência à concorrência e aos colapsos de preços e de mercados.

É curiosa a comparação destes resultados com os do Parecer da Comissão de Estudo da Assembléia Nacional sobre as Contas Gerais do Estado de 1939, de que é relator o distinto economista e engenheiro Araújo Correia.

Diz-se lá: «Vê-se dos números que o Sul do País consome cerca de 44 por cento do total do crédito agrícola».

E mais adiante: «Estes números podem ser relacionados com outros, publicados neste parecer, relativamente a depósitos de poupança e bancários, e é elucidativa a comparação com o rendimento colectável, a contribuição predial rústica e a distribuição da propriedade. Tudo isso foi considerado quando se tratou da contribuição predial rústica e urbana, e vale a pena aos estudiosos fazer a sua análise e extrair conclusões que não serão certamente animadoras para a situação económica do Sul do País».

Da leitura dos relatórios do Conselho de Administração da Caixa Geral de

1 — Vide *Relatório sobre a Organização Corporativa de Agricultura*, 1937 («Diários das Sessões» da Assembléia Nacional) e *Boletim Pecuário*, n.º 2 de 1937.

Depósitos, Crédito e Previdência conclui-se que o crédito agrícola — individual e mútuo — passou de 208.182 contos em 1939 para 287.810 contos em 1940. E os depósitos à vista e a prazo no Alentejo (Alto e Baixo Alentejo), que eram de 99.957 contos em 1939, diminuíram para 96.912 contos em 1940.

Estes números confirmam o empobrecimento anteriormente apontado e tornam extensiva, pelo menos ao Alentejo, a situação económica apresentada.

NÓTULA SÔBRE A ECOLOGIA PECUÁRIA

A área desta Intendência de Pecuária é constituída pelos concelhos de Arronches, Aviz, Campo-Maior, Elvas, Fronteira, Monforte e Sousel, todos pertencentes à província do Alto Alentejo e distrito de Portalegre.

Pela divisão do País em regiões climáticas, segundo o malogrado médico-veterinário Dr. João Francisco Tierno, pertence êste território à região do sul; pela divisão em zonas pecuárias do ilustre professor Paula Nogueira, está a área dêstes concelhos incluída na zona alentejana.

Para tratar da ecologia da pastorícia da área da Intendência de Pecuária de Elvas importa considerar como sôbre os gados influem directa ou indirectamente a natureza geológica dos terrenos, a constituição das terras, sua produção pascigosa e o clima.

CONDIÇÕES GEO-AGROLÓGICAS

É da vegetação espontânea ou cultivada, no estado verde ou convertida em feno, bem como dos seus grãos ou sementes, que se sustentam os animais domésticos, e para a qualidade e abundância dessa vegetação e dessas sementes muito concorrem a formação geológica, a composição elementar das terras e o clima da região.

O vasto território da Península geologicamente conhecido por Meseta Ibérica tem a sua terminação ocidental no nosso país em quatro sistemas, um dos quais, o Toledano, penetra no Alentejo.

Constituída a Meseta por terrenos arcaicos e paleozóicos, é natural que nas suas expansões ou bordas se encontrem manchas do arcaico-precâmbrico. A carta geológica de Portugal indica para os concelhos de Arronches e Campo-Maior o prolongamento de uma faixa de xistos arcaicos metamórficos, a qual, vindo do N. do distrito de Portalegre, se apresenta muito parcelada e aparece sob a forma de lidite em Tagarraiz, herdade do concelho de Arronches, e em Referta, área de terreno do concelho de Campo-Maior, outrora com muito vinhedo e hoje povoada de elevado número de oliveiras¹.

Ao N. de Elvas e na freguesia de Santo Ildefonso existem anfiboloxistos, micaxistos e lidite. Ao lado da lidite de Arronches surgem os estratos de xistos argilo-

1 — Além de algumas informações de carácter pessoal, muitos dêstes elementos são decalcados nos trabalhos de P. Choffat, Venceslau de Lima, Nery Delgado, um ilustre elvense, etc., citados em *A Terra* do professor Felipe de Figueiredo, e, mais especialmente para o concelho de Elvas, na tese de fim de curso do Engenheiro-agrônomo Lerenio Antunes Barradas.

sos e de gneisse, que vão reaparecer em Assumar; de mistura com calcáreos vemo-los na herdade de Castelejos, em Campo-Maior, concelho em que as diorites apresentam importante afloramento.

Na sua cronologia local, ao sistema arcaico-precâmbrico segue-se a representação geológica do sistema silúrico no seu andar mais inferior — o silúrico inferior ou cambriano (antigo câmbrico superior), constituído por grandes extensões de calcáreos e xistos, que desde o rio Guadiana, entre Elvas e Juromenha, vão até Alter-do-Chão passando por Vila-Boim, Barbacena, Vila-Fernando, Monforte, Vaiamonte e Cabeço de Vide, isto é, atravessando tôda a área desta Intendência de Pecuária de S. a NW.

Nos calcáreos de Vila-Fernando, Barbacena e Vaiamonte existem quartzites, espécie de xisto esbranquiçado, e ao lado dos calcáreos que vão do Guadiana a Vila-Boim, encontram-se xistos argilosos de côr escura. De Monforte por SW. até Cabeço de Vide os calcáreos são semelhantes aos de Elvas.

O mioceno lacustre (terciário lacustre) tem uma mancha que de Santo Ildefonso, concelho de Elvas, segue ao longo da raia de Espanha até Ouguela, freguesia do concelho de Campo-Maior. A êste propósito occorre referir a opinião de E. Fleury e de Antunes Barradas, segundo a qual êstes terrenos pertencem à era quaternária, admitindo êste último autor duas formações: — a dos barros, que assenta directamente sôbre o precâmbrico ou cambriano, e outra, que repousa sôbre uma formação também quaternária, constituída por depósitos fluviais de origem posterior ao charco ou lago miocénico conhecido por «Augustano» entre os geólogos espanhóis, cuja existência se julga possível no pleistoceno.

Do grupo eruptivo, o granito aflora em retalhos entre Santa Eulália e Barbacena, a E. de Elvas, a SE. de Vila-Boim, a E. de Fronteira e a N. e E. da freguesia de Ervedal, do concelho de Aviz. As diorites aparecem ao N. de Campo-Maior, alguns retalhos a N. e W. de Elvas, a SE. de Fronteira, de Cabeço de Vide a Alter do Chão e, no concelho de Aviz, em Benavila nas margens da ribeira de Sêda.

Além de um pequeno afloramento de sienite na serra do Falcato, a poucos quilómetros de Elvas, no sentido de SSW., só merece registo um outro de pórfiro, ortopirite, na freguesia de Degolados, dividida ultimamente entre os concelhos de Arronches e Campo-Maior.

O estudo geológico dos terrenos, pelo conhecimento que proporciona relativamente aos afloramentos rochosos da região, oferece a vantagem de, em grande extensão e com muita probabilidade de acêrto, podermos avaliar das propriedades físicas, químicas e culturais dos solos agrícolas.

Quanto aos granitos, da predominância do quartzo ou do feldspato assim resultarão solos que vão desde as terras estéreis de areia às argilosas férteis.

O defeito das terras graníticas é a sua pobreza em cal e em ácido fosfórico, elementos de que as plantas carecem, e cuja falta, pelo que respeita à cal, pode ser também origem do arrastamento da argila pelas águas, o que torna essas terras excessivamente arenosas.

As terras dioríticas, derivadas das diorites, das diábases ou dos gabros, não possuem quartzo e são ricas em cal.

Os solos derivados das rochas arcaicas, formados por desagregação do gneisse e dos xistos cristalinos, constituem as terras gnêissicas e as micaxistosas.

Vejamos o que representam estas terras no tocante às culturas e sobretudo, o que mais interessa, à sua vegetação espontânea.

As terras graníticas, derivadas do granito em que predomina o quartzo, com representação entre Santa Eulália e Arronches, etc., são pobres, faltas de cal e de ácido fosfórico, e nelas vão mal o trigo e as papilionáceas; terras de centeio, só puderam ser recentemente metidas à cultura do trigo à custa de adubações dispendiosas. A sua vegetação espontânea é constituída pela estêva (*Cistus ladaniferus* L.), pelos sargaços (*Cistus monspeliensis* L.), pelo rosmaninho (*Lavandula Stoechas* L.), pelo tojo [*Silybum Marianum* (L.) Gaertn.], pelo carrasco (*Quercus Ilex* L.) e pela margaça (*Anthemis fuscata* Brot.). A giesta aparece mais nos solos de formação xistosa primária, cuja presença foi apontada na herdade de Tagarraais.

Os xistos do silúrico, de mistura com os calcários e abrangendo a grande área que vai do Guadiana a Alter do Chão, originam terras de certa fertilidade, cuja vegetação espontânea é constituída por piornos [*Retama sphærocarpa* (L.) Bss.], carrascos, zambujeiro (*Olea eropæa* L., var. *Oleaster*), montados de azinho e alguns sobreiros. A par disso apresentam melhor disposição para a cerealicultura e notam-se nelas as papilionáceas (algumas *Vicias*, o cizirão, etc.) e as gramíneas, estas representadas pelo balanço e pela grama.

A restante área — a do mioceno lacustre e a das diorites — apresenta a mesma vegetação espontânea, à parte um maior número de papilionáceas e o aparecimento do carrasqueiro (*Quercus coccifera* L.) na região dos *barros*.

Se a natureza do solo arável não apresenta diferenças apreciáveis em relação à dos terrenos de cultura de outras regiões do País, outro tanto se não pode dizer quanto à influência do clima, que lhe empresta cunho especial.

Assim, os solos arenosos, férteis nas regiões úmidas do norte do País, são aqui de fraca produtividade, com forçada cultura arvense e montados de azinheiros e sobreiros. Também os terrenos conhecidos pela designação de *barros*, que são o celeiro do Alentejo, formam no norte do País os brejos e lameiros.

Deve no entanto dizer-se que as formações xistosas do silúrico de mistura com os calcários, bem como as manchas do mioceno lacustre e das diorites, constituem aqui solos aráveis de fertilidade a precíavel.

Os terrenos graníticos dão boas pastagens, mas que duram pouco, sobretudo nas encostas, devido à secura. As pastagens dos vales mantêm-se verdes até fins da Primavera e nalguns até mesmo no começo do Verão.

Tanto nos arrifes¹ como nos vales as pastagens são, pelo geral, constituídas por ervas (gramíneas) finas, dando as dos segundos alguns fenos de bom prôvo. Nas fôlhas de cultura é freqüente a invasão de ervas grossas, como a margaça, o saramago e rinchões.

Nos terrenos xistosos nota-se igual povoamento, mas há nêles predominância de ervas grosseiras.

Nos terrenos de *barro* do quaternário (conforme a classificação de Antunes Barradas) crescem muitos espargos e cardos, alguns comestíveis, e a grama, esta procurada pelo gado com muita avidez no Verão.

1 — Afloramentos graníticos.

Os terrenos arenosos do quaternário (planície do Guadiana) criam boas e desenvolvidas pastagens com muito cizirão, sendo apreciáveis as das lezírias.

As pastagens são, pois, constituídas por grande diversidade de plantas espontâneas, de maior ou menor valia alimentar segundo a qualidade ou fertilidade dos terrenos e mais ou menos abundantes consoante o decorrer do ano agrícola. Outonos pouco chuvosos, frios e com geadas dão pastos magros até Fevereiro. Ventos do quadrante do N. ou do SW. retardam o crescimento das ervas. Calores exagerados nos fins de Abril ou princípios de Maio secam os pastos repentinamente.

Ao contrário, Outono muito chuvoso no fim de Setembro ou princípios de Outubro, ano de poucas nortadas, de poucos dias de vento e de geada e Primavera úmida garantem abundante desenvolvimento pascigoso, a ponto de se colherem muitos fenos, na verdade gadanhados tardiamente, com prejuízo do seu valor altriz.

O alcacer de centeio, de cevada ou de aveia são ferrãs de uso muito generalizado. A ensilagem ainda está longe de empregada correntemente.

O valor nutritivo das pastagens depende da qualidade das ervas que as constituem. São bons pascigos os que possuem elevada percentagem de trevagem ou diversas espécies do género *Trifolium*, de cizirão, de erva-febra, de ervilhaca (*Vicia sativa* L.), de ôlho de môcho [*Tolpis barbata* (L.) Gaertn.], de balanco, de grama e de pampilho ou pimpilho (diversas espécies do género *Trifolium*). A soagem (*Echium plantagineum* L.), a margaça, a papoila (*Papaver Rhoeas* L. e *P. dubium* L.), a azêda (*Rumex Acetosa* L.), o tremçoço bravo, os carrascos, os saramagos, os zambujeiros, as estêvas, o rosmaninho, o carapêto, o tojo, etc., são ervas, arbustos e subarbustos mal apetecidos por todos os gados excepto os caprinos.

CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Do clima depende em boa parte o resultado económico das culturas, portanto o da indústria pecuária.

O peneplano alentejano de que me ocupo, compreendido entre acidentes orográficos de altitude apreciável (a Serra de Ossa, com 649 metros; as alturas de Vila-Boim, com 474 metros; a Serra de S. Mamede, com 1.025 metros; o maciço de Albuquerque), apresenta, segundo a Carta Hipsométrica, cotas de nível que, na sua maior parte, ficam na zona de altitudes de 200 a 400 metros.

A orografia acima indicada, a sua orientação NW.-SE., perpendicular à direcção dos ventos úmidos de SW., e a existência de uma região, entre esta e o litoral, de cotas de nível baixas, o que facilita a penetração dos ventos chuvosos, determinam a constituição da fácies climática local.

Adivinha-se já, pois, um regime pluviométrico especial, o que tanto é dizer uma agricultura largamente influenciada por esse regime.

As observações das Estações Meteorológicas de Campo-Maior, Vila-Fernando e Évora e as dos postos ecológicos do Posto Agrário de Elvas e Escola Agrícola de Évora (Herdade da Mitra) fornecem os seguintes elementos climáticos¹:

1 — Prof. Mendes Frazão e Engenheiro-agrônomo Avelino da Silva Mata, *Das condições climáticas do Alto Alentejo* (Boletim da Estação Agrária Central).

M É D I A S

MESES	Temperatura (°C)				Chuva (mm)				Umidade relativa (%)						Evaporação (mm)				
	Vila-Fernando 1895-1914	Elvas 1927-1933	Évora (Cidade) 1895-1914	Évora (Mitra) 1927-1933	Campo-Maior 1898-1914	Vila-Fernando 1895-1914	Elvas 1927-1933	Évora (Cidade) 1895-1914	Évora (Mitra) 1927-1933	Campo-Maior 1898-1914	Vila-Fernando 1895-1914	Elvas 1927-1933	Évora (Cidade) 1895-1914	Évora (Mitra) 1927-1933	—	—	—	—	
Janeiro.	7,9	7,3	7,8	8,8	8,2	51,6	83,1	51,9	62,9	91,4	74,3	71,5	82,4	80,9	86,4	82,8	37,9	69,4	55,4
Fevereiro.	9,3	8,8	8,7	10,1	8,9	59,9	130,2	42,6	92,1	77,4	69,7	70,7	77,7	77,2	81,0	108,4	58,6	90,0	69,1
Março	11,2	10,5	12,2	11,4	11,7	53,6	79,3	76,4	59,4	134,2	62,8	64,5	78,9	73,8	79,9	153,3	70,6	128,3	81,3
Abril.	14,4	13,3	14,1	14,2	13,6	37,5	55,8	40,6	42,6	58,7	56,3	57,0	66,0	69,5	72,6	181,2	100,6	162,0	126,6
Maió	17,4	16,5	17,7	16,7	16,4	30,7	51,7	26,7	45,5	45,1	51,1	51,6	60,3	66,5	75,4	278,8	130,5	216,1	141,1
Junho	21,0	20,3	22,1	18,8	20,1	28,0	45,4	29,0	36,8	37,0	46,1	45,4	54,7	62,3	61,8	331,3	187,5	254,2	180,6
Julho.	24,8	24,1	24,8	23,1	22,9	6,2	7,1	2,5	2,8	11,4	38,5	36,1	45,9	55,6	64,3	452,7	210,6	341,8	284,7
Agosto	24,7	24,5	25,3	21,4	23,6	8,5	37,0	3,4	5,9	6,4	40,2	37,1	46,3	57,5	62,2	439,3	250,6	337,7	248,1
Setembro.	21,7	21,3	21,7	20,7	20,5	34,7	38,1	38,0	31,3	26,9	50,1	48,7	56,1	63,9	69,4	341,0	179,1	221,8	181,3
Outubro	16,6	16,2	17,5	16,5	16,9	75,1	89,3	39,8	83,8	63,4	63,2	62,4	65,9	61,9	74,0	171,7	115,9	143,1	121,5
Novembro	11,6	11,3	11,7	12,3	11,9	88,4	100,1	61,7	99,5	115,3	74,2	74,9	77,4	81,2	80,1	96,5	61,9	80,7	75,1
Dezembro.	8,7	8,3	8,5	9,7	8,9	65,1	71,4	65,3	85,8	131,9	79,7	73,7	82,4	84,2	84,4	69,6	45,8	66,1	50,1
Ano.	15,8	15,2	16,0	15,3	15,3	539,3	788,5	477,9	648,4	799,1	58,8	58,3	66,2	69,5	74,3	2706,6	1449,6	2111,2	1614,9

Êstes elementos definem um clima sêco, de irregular distribuição pluviosa e forte evaporação provocada por temperaturas muito altas em Junho, Julho e Agosto.

As oscilações térmicas constituem a marca dêste clima em relação às outras regiões do País, clima que, embora considerado temperado, é quasi continental.

POSTOS METEOROLÓGICOS	TEMPERATURA (°C)			
	Média mensal			Oscilação anual
	Mais baixa	Mais alta		
	Janeiro	Julho	Agosto	
Campo-Maior.	7,9	24,8	-	16,9
Vila-Fernando.	7,3	-	24,5	17,2
Elvas.	7,8	-	25,3	17,5
Évora (Cidade).	8,8	23,1	-	14,3
Évora (Mitra).	8,2	-	23,6	15,4

As temperaturas médias aumentam à medida que caminhamos para o interior; exceptua-se Elvas em relação a Campo-Maior, certamente em virtude da sua situação no pendor ou ao abrigo das alturas de Vila-Boim.

De uma maneira segura pode dizer-se que há coincidência de temperaturas nesta região, mas maior excesso climático continental na de Elvas, Campo-Maior e Vila-Fernando em confronto com Évora, cidade fora da área desta Intendência de Pecuária, cujos elementos meteorológicos se julga conveniente aqui mencionar por só assim haver facilidade de comparações mais amplas.

O quadro a seguir, sobre os valores médios extremos e distribuição das chuvas pelas estações do ano, dá idéia do regime pluviométrico:

POSTOS METEOROLÓGICOS	Período das observações	CHUVA (mm)								Ano
		Mínimo		Máximo		Variações sazonais				
		Teor	Mês	Teor	Mês	Inverno	Primavera	Verão	Outono	
Campo-Maior. . .	1898-1914	6,2	Julho	84,4	Novembro	176,6	121,8	42,7	198,2	539,3
Vila-Fernando . .	1895-1914	7,1	»	100,1	»	284,7	186,8	89,5	227,5	788,5
Elvas.	1927-1933	2,5	»	76,4	Março	159,5	143,7	34,9	139,5	477,9
Évora (Cidade) . .	1895-1914	2,8	»	99,5	Novembro	240,8	147,5	45,5	214,6	648,4
Évora (Mitra). . .	1924-1933	6,4	Agosto	134,2	Março	300,7	238,0	54,8	205,6	799,1

Regista-se o mínimo de pluviosidade no Verão e o máximo no Outono ou no Inverno, mas o cubo udométrico da Primavera aproxima-se ainda muito dos maiores valores.

A observação da irregularidade das chuvas no mesmo mês de vários anos e a oscilação da pluviosidade, que pode ir do simples ao triplo, é possível através do seguinte quadro:

POSTOS METEOROLÓGICOS	OSCILAÇÃO UDOMÉTRICA			
	Média mensal		Média anual	
	Milímetros	Meses	Milímetros	Anos
Campo-Maior (Pluviosidade média anual = 539,3 mm.)	4,1	Janeiro de 1880	304,1	1874
	260,9	Janeiro de 1881	751,2	1876
	0,0	Março de 1907		
	180,2	Março de 1892		
	2,2	Novembro de 1890		
	225,4	Novembro de 1902		
Vila-Fernando (Pluviosidade média anual = 788,5 mm.)	0,0	Janeiro de 1896	421,6	1896
	215,2	Janeiro de 1885	1.135,4	1900
	0,0	Agosto de 1906		
	60,7	Agosto de 1885		
Évora (Cidade) (Pluviosidade média anual = 648,4 mm.)	0,2	Fevereiro de 1908	346,0	1874
	270,6	Fevereiro de 1895	1.186,4	1895
	1,0	Maio de 1879		
	145,3	Maio de 1883		
	0,8	Outubro de 1890		
	182,0	Outubro de 1907		

Também chove menos à medida que a situação dos postos se afasta do litoral:

Évora (Mitra)	799,1
Évora (Cidade)	648,4
Vila-Fernando	788,5
Elvas	477,9
Campo-Maior	539,3

A diferença entre os dois postos de Évora explica-se pelo local em que se encontram, um dentro da cidade na Torre de Sertório e o outro no campo a pequena altitude. Quanto a Vila-Fernando, a pluviosidade registada parece explicar-se pela sua posição a ocidente das alturas de Vila Boim, o que para Elvas, abri-

gada dos ventos úmidos pelas mesmas alturas, pelas de Estremoz e pela Serra de Ossa, constitui, pela situação oposta, a razão de possuir a mais baixa pluviosidade da região.

Campo-Maior, colocado mais a leste, já um pouco fora do abrigo oferecido por aqueles acidentes orográficos, beneficia também do obstáculo natural que as serras de Albuquerque opõem aos ventos dos quadrantes chuvosos.

A secura do clima é atestada por um grau higrométrico baixo, com o mínimo no Verão e o máximo no Inverno, respectivamente de 48,9 e 80,8 em Elvas e 41,6 e 74,6 em Campo-Maior.

Esta região é, pois, bastante mais seca que a de Évora (cidade), com o mínimo de 58,5 e o máximo de 80,8.

A evaporação é muito elevada; máxima no Verão e mínima no Inverno, o total é de 1.449,6 mm. em Elvas e 2.706,6 mm. em Campo-Maior.

Considerada a região sob estes dois aspectos, pode dizer-se que é baixo o seu grau de umidade atmosférica e elevada a evaporação. O grau higrométrico mais inferior e a evaporação mais alta registam-se em Campo-Maior, que tem a situação mais interior do continente português.

A insolação anual é, com pequena diferença da do Algarve, a maior do País. Regista-se uma média anual de 5052^h-03^m em Elvas durante um período de seis anos.

Segundo escassos elementos, os ventos dominantes parecem ser, por ordem decrescente, os de W., N. e E.; os do S. são raros; os de W., SW., WSW. e WNW., que mais frequentemente produzem chuvas, dominam na Primavera, Verão e Outono, mas são secos no Verão por atravessarem zonas mais quentes à proporção que penetram no interior do território peninsular; os do N. predominam no Inverno e Outono; o de E., o conhecido Soão, sopra no Inverno, Outono e Primavera.

Pelos dados consignados no trabalho do prof. Mendes Frazão e agrónomo Silva Mata e nos boletins mensais do Posto Ecológico de Elvas, o clima regional deve considerar-se mediterrânico com evidente influência continental do subdesértico do centro peninsular.

Não há elementos seguros que permitam comparar o clima desta região com o da parte norte do distrito de Portalegre e com o do Baixo Alentejo.

Em relação, porém, à zona setentrional do distrito, deve notar-se nesta uma outra flora, maior abundância de nascentes e um sistema orográfico — o da serra de S. Mamede — que permitem inferir maior pluviosidade e a transição climática entre o Alentejo e a Beira Baixa.

Relativamente ao Baixo Alentejo, deve supor-se neste uma influência mediterrânica traduzida em Beja por 586,5 mm. de precipitações aquosas, temperatura média de 15°,5 e uma relação udométrica de 108,5 mm. entre o mês mais chuvoso e o de menor pluviosidade, o que significa uma irregularidade distributiva bastante grande, ainda mesmo comparada com a de Campo-Maior, no Alto Alentejo.

Esta parte do Alto Alentejo, segundo os autores Mendes Frazão e Silva Mata, pode caracterizar-se pelas seguintes médias dos elementos meteorológicos: temperatura de 15°,2 a 16°; pluviosidade média anual de 477,9 mm. a 788,5 mm.; umidade

atmosférica, muito baixa, de 58,3 a 66,2; e vaporação intensa de 1.449,6 mm. a 2.706,6 mm.; elevada insolação de 5052^h-03^m. A amplitude térmica, diferença entre a média das máximas e a das mínimas, oscila de 14°,3 a 17°,5.

A relação pluviométrica de 82,2 para Campo-Maior e 73,9 para Elvas revela até que ponto vai a irregularidade nas precipitações aquosas, e o exame da distribuição destas mostra que no Verão quasi não chove.

Qual a acção de um tal clima sobre as plantas forraginosas de cultivo, sobre as pastagens espontâneas e sobre os animais?

Do esbôço climático pode inferir-se imediatamente que a vegetação forragínea de sequeiro é quasi impossível nos meses de maior secura. É a época dos agostadouros, durante a qual o gado sofre a acção de altas temperaturas (em Julho de 1928 a média das máximas atingiu 36,2 e em Junho do mesmo ano a máxima absoluta foi de 41°,5) e procura o sustento nos restolhos das culturas arvenses, onde respiga o cereal e utiliza com vantagem os pastos secos, as sementes das ervas espontâneas (cizirão, balanco, carrapiço, etc.) e, em certos terrenos, a grama, esta sobretudo nos alqueives. Para o gado caprino, em terrenos de inferior qualidade ou incultos, existem os saramagos, os carrascos, as estêvas, os zambuzejeros, etc.

O valor destas pastagens estivais é função do ano agrícola; quanto melhor elle fôr, maior a quantidade de espigas nos restolhos. Porém, em certos anos de Primavera úmida, quando as culturas cerealíferas sofrem na sua produção, as plantas forragíneas, pelo contrario, tomam apreciável desenvolvimento, por vezes a tal ponto que o cizirão, o balanco, etc., as dominam e afogam, convertendo assim muitos baixos cultivados em bamburrais de bastante valor.

Até hoje só as tentativas para a formação de prados permanentes de regadio têm tido successo.

Aqui se registam os estudos que os dedicados técnicos da Delegação da Estação Agronómica e do Posto Agrário desta cidade estão a realizar no sentido de obter variedade de erva espontânea que resista à secura de um tal clima e forneça quantidade apreciável de forragem sem necessidade de rega.

A existência de alguns luzernais faz antever a influencia que a sua multiplicação pode vir a ter no desenvolvimento e melhoramento da pastoricia, o que é possível pelo aproveitamento das águas, tanto as das bacias hidrográficas como as telúricas.

Mas enquanto se não colhe o fruto do trabalho daqueles técnicos e se não faz o aproveitamento das águas a que acabo de aludir, continuarão os gados à mercê das alternativas de fome e de fartura.

Da maneira como decorre o Outono depende em boa parte o serem magras ou regulares as pastagens até Fevereiro. Se chove cedo, se as águas novas caem em princípios de Outubro e as geadas só aparecem tarde, ainda é possível o crescimento razoável das ervas espontâneas e maior o rendimento do alcacer (ferrã de cevada, de aveia ou de centeio); pelo contrario, se as chuvas vêm tarde (fins de Outubro ou já em Novembro) e as geadas principiam cedo, então só em Fevereiro as ervas atingem desenvolvimento apreciável.

Também na Primavera os frios, a falta de chuvas e o calor com vento Soão em fins de Abril prejudicam o desenvolvimento das pastagens e das forragens.

Mercê da imprevidência e da ignorância, as irregularidades do clima, pelo seu reflexo sobre as culturas e pastos (não falando já da sua acção intrínseca), causam nos gados, sobretudo nas crias durante o aleitamento e à desmama, tantos agravos ao seu natural desenvolvimento, que não podem deixar de constituir sério entrave ao fomento pecuário.

E diz-se, e repete-se, não poder existir agricultura sem gados!

ESPÉCIES PECUÁRIAS

EQÜINOS

A observação de achados fósseis e da arte parietal do magdalenense das cavernas castelhanas leva a admitir dois tipos primitivos de cavalos na Ibéria: — a do garrano e a de outro com cabeça pequena, pescoço delgado e arqueado, tronco largo, membros finos, ganacha e quartela pouco peludas, enfim, um cavalo de maior corpulência e formas mais elegantes.

Parece assim justificada a convicção de que na época paleolítica existiam na Península dois tipos de cavalos selvagens — o garrano e o bético-lusitano.

A arte paleolítica da Península figura o segundo tipo eqüino com uma conformação aproximada da do *Equus caballus africanus*, idêntico ao dos Romanos e Cartagineses, o que depõe a favor da reduzida transformação do cavalo da Ibéria pelos cavalos trazidos por aquêles dois povos quando das suas invasões.

O próprio árabe só muito tardiamente poderia ter exercido qualquer influência, desde que se observe a sua criação em princípios da era cristã. Já o mesmo se não pode dizer do cavalo nórdico com as invasões dos bárbaros.

Os autores descrevem dois tipos de cavalos nacionais — o galiziano e o bético-lusitano.

A criação hípica na área desta Intendência de Pecuária limita-se à do cavalo bético-lusitano, em que predominam visivelmente os indivíduos de casta fina, os quais podem, como os de casta comum, chegar ou não a atingir a altura da marca.

A produção cavalар nesta região tem sido influenciada por reprodutores de Alter e por andaluzes oriundos das mais conceituadas coudelarias (Zapata, Bohorquez, Guerrero, Tinau, etc.).

A introdução de sangue oriental tam bém se realizou com persistência nas duas dezenas de anos de 1910 a 1930.

O exame das notas de mensurações que realizei em manadas da região, deixa-me a impressão da existência de exemplares apreciáveis pela sua boa estatura e ossatura, amplas articulações e bom perímetro torácico, tanto nos mestiços do oriental como nos derivados do andaluz-alter.

Não consente o espaço transcrever tôdas essas notas, mas vou dar uma idéia delas com as medidas praticadas num núcleo de éguas de casta indígena comum (andaluzas indígenas), tipo que vem rareando, mas que impressiona pela sua robustez e falta de distinção, cujos representantes, a um tempo sóbrios e castiços, são bons para sela e tiro.

MENSURAÇÕES	Malteza	Brasileira	Encarnada	Cegonha
Altura no garrote.	1,53	1,53	1,57	1,58
Altura no meio do dorso	1,49	1,46	1,50	1,51
Altura na garupa	1,53	1,53	1,59	1,60
Altura na inserção da cauda. . .	1,36	1,44	1,44	1,49
Comprimento do tronco.	1,59	1,51	1,59	1,61
Largura do peito	0,57	0,60	0,64	0,62
Altura do peito	0,72	0,72	0,73	0,76
Altura do esterno ao solo	0,80	0,80	0,83	0,81
Perímetro torácico	1,91	1,88	1,95	1,92
Perímetro do ante-braço.	0,42	0,39	0,42	0,45
Perímetro do joelho.	0,31	0,29	0,305	0,34
Perímetro da canela.	0,20	0,19	0,20	0,205
Altura no olecrânio.	0,93	0,91	0,96	0,96
Largura anterior da garupa . . .	0,50	0,51	0,52	0,52
Largura posterior da garupa. . .	0,46	0,47	0,47	0,48
Comprimento da garupa.	0,52	0,52	0,52	0,52
Pêso em quilogramas (calculado)	300	280	350	300

Não cabe aqui fazer a história dos cruzamentos ensaiados, mas convém dizer que devemos procurar produzir o que é mais adequado ao meio natural.

O actual arrolamento apurou 2.934 cabalinos, menos 12 que em 1934.

CONCELHOS	EFFECTIVOS		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Total	2.946	2.934		12
Arronches	327	353	26	
Aviz	289	286		3
Campo-Maior.	153	167	14	
Elvas.	1.054	1.025		29
Fronteira.	269	261		8
Monforte.	566	542		24
Sousel	288	300	12	

A pequena diferença para menos no total, apesar de se esperarem largos efeitos da nova lei de remonta, encontra a sua explicação no facto dos poldros de 2 a 3 anos serem recriados pelos particulares e não pelo Estado. Na verdade, compulsando os mapas, verifica-se que, em relação a 1934, neste arrolamento registam-se em toda a área mais 34 animais com idade até 3 anos.

A eqüicultura regional não produz cavalos aos preços por que o Ministério da Guerra os paga actualmente.

Já está demonstrado que a média geral do custo de produção aos dois anos de idade é de 2.786\$00 por poldro¹. O seguinte resumo, transcrito do trabalho citado na nota abaixo, prova-o com clareza:

POLDROS NASCIDOS		CUSTO DA PRODUÇÃO	
Ano	Quantidade	Total	Por cabeça
Total. . .	51	142.115\$39	
1927	4	13.022\$00	3.273\$00
1928	4	11.909\$60	2.977\$40
1929	5	14.506\$00	2.901\$20
1930	8	16.670\$40	2.083\$80
1931	5	14.669\$14	2.933\$80
1932	5	13.442\$15	2.688\$40
1933	4	12.549\$00	3.173\$20
1934	4	14.400\$50	3.600\$10
1935	4	13.489\$30	3.372\$30
1936	8	17.457\$10	2.182\$10

Custo da produção de 51 poldros aos 2 anos de idade:

Máximo por cabeça (correspondente a 1934) 3.600\$10
 Mínimo » » (» » 1930) 2.083\$80

$$\text{Média em 10 anos} = \frac{142.115\$39}{51} = 2.786\$57 \text{ ou } 2.786\$00.$$

Adicionando àquela importância a de 1.095\$00, custo da recria dos dois aos três anos, e 1.277\$00, custo da recria dos três aos quatro anos, conforme depois foi achado², verifica-se que o poldro de quatro anos, sem incluir qualquer despesa com o rudimentar ensino, é produzido nesta região a 5.158\$00. O Estado tem pago à média de 3.897\$00 e ao máximo de 4.200\$00.

O melhor plano de melhoramento desta espécie pecuária sossobrará infalivelmente perante tal posição económica.

As perturbações da saúde destes animais são geralmente consequência de deficiências alimentares e do desconhecimento de noções elementares acerca do seu desmame e recria. A gurma e a carbúnculo, ao lado das afecções de origem alimentar e

1 — João António Pinto Bagulho e João Garcia Pereira, *A criação de poldros na região de Elvas* (Boletim Pecuário, n.º 2 — 1937).

2 — João Garcia Pereira, *Sobre a criação cavalar no Alentejo* (Revista de Medicina Veterinária — 1940).

das parasitoses gastro-intestinais, constituem dois grupos de doenças muito frequentes.

Os meios que a medicina veterinária põe à disposição de técnicos e equicultores, reduzem as perdas de vidas e prejuízos de outra ordem de forma a não afectarem demasiadamente a economia da produção.

MUARES

O luar, produto da reprodução entre animais cavallares e asininos, chama-se eguariço ou asneiro conforme é filho de burro e égua ou de cavallo e burra.

Diz Bernardo Lima que a utilização deste gado se realizou posteriormente à domesticação das espécies de que procede, mas, segundo o mesmo Autor, o Génesis fala de muares no capítulo XXXIV, Homero cita-as nos tempos da guerra de Tróia e Heródoto na expedição de Ciro à Babilónia.

A sua sobriedade e rijeza dão-lhe preferência nos serviços agrícolas de lavoura e transporte e, noutros tempos, quando ainda não havia debulhadoras, no trabalho das eiras.

Tôdas as medidas adoptadas pelas nossas leis coudélicas, tais como proibição de utilizar muares no serviço de sela, etc., obtiveram insucesso perante a utilidade económica deste gado.

Enquanto o poldro só aos dois ou três anos de idade começa a prestar alguns ligeiros serviços, o *mus* ao fim de um ano já é atrelado a carros e principia a sua faina dos acarretos (geralmente dos molhos de cereais para as eiras) num ambiente de calor e secura por vezes insuportável.

Na área desta Intendência de Pecuária, principalmente no concelho de Elvas, produzem-se os mais corpulentos e bem constituídos exemplares que aparecem nas feiras do Alto Alentejo. A existência de manadas de éguas de boa estatura e conformação, bem como a de jumentos em cuja ascendência, ainda que remota, se registam indivíduos oriundos da região de Sevilha e de Vich, são explicação do facto.

O seguinte quadro mostra o efectivo luar por concelhos e as respectivas diferenças em relação a 1934:

CONCELHOS	EFFECTIVOS		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Total	6.948	6.753		195
Arronches	666	745	79	
Aviz	667	655		12
Campo-Maior	880	767		113
Elvas	2.184	2.080		104
Fronteira	776	785	9	
Monforte	742	825	83	
Sousel	1.033	896		137

A diminuição de 195 cabeças no total justifica-se pela venda de muares, que foram exportadas para França no começo da actual guerra.

Não há, como para o gado cavalar, registo que permita averiguar do custo de produção de uma muar. Conhecido, porém, o custo de produção de um poldro e provado o vil preço do mercado, é lógico concluir que, se não fôra o rendimento da produção mulateira, não seria possível manter piaras de éguas nesta região.

O preço de venda de uma muar com um ano de idade oscila entre 1.800\$00 e 4.000\$00; muito excepcionalmente 5.000\$00.

As considerações feitas a propósito da sanidade dos cavalos aplicam-se inteiramente ao gado muar.

ASININOS

Habitualmente consideram-se dois tipos ou grupos de asininos — o do jumento europeu ou *Equus asinus europæus* e o do jumento africano ou *Equus asinus africanus*.

Ao grupo do *Equus asinus europæus* pertencem, fora outros, os grandes jumentos de comprido e denso pêlo da região do Poitou (França), da região de Vich (Catalunha) e os de Leão e Casteda (Espanha), de 1^m,40 a 1^m,55 e mais de altura, destinados à produção mulateira.

Ao grupo do *Equus asinus africanus* atribuem-se, entre outros, os jumentos da Ásia-Menor e da Síria; os do Egito, Núbia, Etiópia e Somália; os dos países da África-Menor; os do sul da Itália e da Península Ibérica.

Na área desta Intendência de Pecuária produzem-se bons jumentos mulateiros, encontrando-se nos concelhos de Elvas, Sousel, Aviz, Arronches e Monforte animais com 1^m,40 a 1^m,55 de altura, mais geralmente de côr ruça, cabeçudos, de arcadas orbitárias muito salientes, de olhos encovados e grandes orelhas, em muitos dos quais é notória a influência do jumento da Andaluzia.

A criação destes animais é difícil; a estabulação faz-se após o ano de idade e ao tratador zeloso compete ministrar ração de grão, limpeza e exercício. A falta de rigorosa observância de alguns destes cuidados traz por vezes atrasos de desenvolvimento, doenças de pele e desaprumo dos membros.

O preço destes animais oscila entre 4.000\$00 e 10.000\$00 cada exemplar.

O burro de serviço, mais pequeno que o anterior, tem 1^m,0 a 1^m,40 de altura e formas mais finas. Utilizado em serviço de carga a dorso e no de tracção, é o animal dos trabalhadores rurais e guardadores de gado nas casas de lavoura — jorna-leiros, pastores, cabreiros e porqueiros.

Bastante sensíveis ao frio, são abrigados em cabanas de mato, espécie de palhota feita com estêva e piorno, que aquêles guardadores de gado armam próximo da que reservam para sua própria habitação.

O valor destes prestimosos auxiliares da gente pobre regula por 100\$00 a 500\$00.

O quadro seguinte mostra a distribuição da espécie na área desta Intendência de Pecuária e as diferenças do respectivo efectivo em relação a 1934:

CONCELHOS	EFFECTIVOS		Diferenças para menos
	1934	1940	
Total	5.298	3.704	1.594
Arronches	589	370	219
Aviz	804	495	309
Campo Maior	627	301	326
Elvas	1.493	1.251	242
Fronteira	582	463	119
Monforte	618	394	224
Sousel	585	430	155

A diminuição, bastante sensível, explica-se pela falta de manifesto por parte dos humildes possuidores, sempre receosos de tributações.

Os jumentos destinados à produção mulateira enfermam facilmente se não forem mantidos em regime higitécnico conveniente. Quando há descuido na aplicação de certos preceitos higiênicos, que constituem a base duma boa saúde, declaram-se geralmente pododermites, doenças de pele, afecções do aparelho digestivo, certas manifestações linfáticas, habronemoses e sarnas; e uma vez doentes exigem especiais cuidados do clínico, que deverá vigiá-los com muita atenção lembrando-se sempre da pouca resistência destes animais.

BOVINOS

Os resultados dos apuramentos dos dois últimos arrolamentos podem comparar-se no quadro a seguir:

CONCELHOS	EFFECTIVOS		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Total	11.687	11.391		296
Arronches	1.432	1.628	196	
Aviz	1.704	1.592		112
Campo-Maior	863	444		419
Elvas	2.369	2.919	550	
Fronteira	1.549	1.054		495
Monforte	2.733	2.731		2
Sousel	1.037	1.023		14

A causa da diferença para menos no número de cabeças manifestadas, dever ter resultado principalmente da necessidade de realizar dinheiro para custear as explorações e da falta de pastagens próprias à bovicultura.

Segundo o seu modo particular de utilização económica na área desta Intendência de Pecuária, os representantes desta espécie armentosa constituem dois grupos, um formado pelos animais de trabalho e ceva e outro composto pelos destinados à produção de leite.

O presente arrolamento regista o seguinte efectivo de cabeças em cada um dos dois referidos grupos.

CONCELHOS	BOVINOS		
	de trabalho e ceva	leiteiros	Total
Total	10.428	963	11.391
Arronches	1.591	37	1.628
Aviz	1.546	46	1.592
Campo-Maior	348	96	444
Elvas	2.412	507	2.919
Fronteira	992	62	1.054
Monforte	2.596	135	2.731
Sousel	943	80	1.023

O grupo bovino de trabalho e ceva inclui indivíduos das raças alentejana e mirandesa e mestiços do cruzamento entre ambas, uns tantos outros da raça brava e ainda alguns do tipo da região de Salamanca derivados do cruzamento salamanquino-alentejano.

No grupo de trabalho e ceva a raça alentejana deve ter uma representação de 9.800 cabeças, a mirandesa umas 200 e os mestiços do mirandês com o alentejano cerca de 400; o núcleo de gado bravo comportará talvez umas 600 reses e o dos mestiços salamanquinos-alentejanos um número tão discreto, que nem por aproximação se pode computar.

A raça alentejana está disseminada por todos os concelhos; a mirandesa e respectivos mestiços encontra-se sobretudo nos concelhos de Elvas, Sousel e Aviz.

O tipo alentejano tem características descritas pelos tratadistas relativamente aos bovinos transtaganos de maior corporatura, mas o seu regime, em relação ao da época de Bernardo Lima, não é hoje o mesmo. Pelo geral, os animais das vacadas e os bois de trabalho recolhem no Inverno às arribanas, onde recebem algum penso de moinhas, de farelos ou sêneas, misturados com farinha de chicharo, de milho e de bagaços de oleaginosas.

O grupo leiteiro compreende animais da raça holandesa e da sub-raça turina, esta melhorada ou não pela primeira; a sub-raça turina deve entrar com 944 representantes e a raça holandesa com cerca de 19.

Muito precoces no ponto de vista sexual, a fecundação ocorre por vezes aos nove meses, o que, junto à insuficiente alimentação em alguns casos, explica a existência de exemplares ananizados.

Para uns o regime é a estabulação permanente e para outros a semi-estabulação. O primeiro caso observa-se quando o dono disfruta pequeno hortejo, não dispõe de terra para sementeira de sequeiro e só tem uma, duas ou três reses. O segundo caso dá-se com os agricultores cuja exploração permite trazer de pastoreio, pelas terras que cultivam, um apreciável número de reses; ou ainda quando as vacas, uma ou duas, só excepcionalmente mais, pertencem a indivíduos não agricultores, que vivem exclusivamente do rendimento do leite e pastoreiam o gado pelos valados e sebes divisórias das propriedades alheias.

A alimentação dos bovinos sujeitos a semi-estabulação é, durante cerca de quatro meses, a que apreendem nas pastagens; no resto do ano fornecem-lhes farelo, aveia, fava e palha. Quanto aos bovinos em estabulação permanente, esses são alimentados com erva ceifada pelos donos, por pessoas da família ou por assalariados; e, quando a não há, substituem-na pelos rebotalhos de verduras da horta ou quinta, de mistura com algum penso.

Pelo inquérito sobre a exploração de uma vaca leiteira, cuja alimentação durante quatro meses é obtida gratuitamente e em que a guarda e tratamento são feitos pelo próprio dono, apurámos o *deficit* de 258\$00, conforme a seguinte

Conta de exploração de uma vaca leiteira

Capital 1.800\$00

Despesa

Alimentação (8 meses a 5\$00 por dia)	1.200\$00	
Juro do capital (6 %)	108\$00	
Pessoal e alojamento	300\$00	
Material	30\$00	
Repovoamento	250\$00	
Contribuições	80\$00	
Tuberculinização	25\$00	
Laboratório (fiscalização) — \$05 por litro de leite	50\$00	2.043\$00

Receita

Leite	1.125\$00	
Estrume	160\$00	
Cria... ..	400\$00	
Carne	100\$00	1.785\$00
Saldo negativo...		258\$00

Significa isto que em oito anos se daria a perda total do capital!

Se as coisas se passassem dêste modo, não poderia haver tantas pessoas a viverem — vida miserável é verdade — à custa das vacas leiteiras.

Nem sequer uma!

É preciso portanto aceitar a intervenção de práticas que diminuem a despesa ou aumentam a receita. O aproveitamento de desperdícios de hortejos, hortas ou quintas diminui a despesa e talvez seja aumentada a receita quando a fiscalização se torna deficiente.

Os bovinos leiteiros são, no geral, animais saudáveis. Afora algumas perturbações do aparelho digestivo e mastites, facilmente evitáveis, aquelas por maior cuidado na alimentação e estas por um pouco de higiene na ordenha, a clínica em pouco mais tem de intervir.

Pelo que respeita à tuberculose, em 1934 reagiram à tuberculina 4,14 % (21 em efectivo de 507); 1,5 % (8 em efectivo de 482) em 1935; 1,12 % (7 em efectivo de 502) em 1936; 0,7 % (4 em efectivo de 506) em 1937; 0,3 % (2 em efectivo de 532) em 1939; 0,5 % (3 em efectivo de 518) em 1940; 0,3 % (2 em efectivo de 533) em 1941.

Hão-de acrescentar-se aos reagidos os sacrificados por diagnóstico clínico de tuberculose e os que a revelaram na occisão nos matadouros. Em 1939 a apresentação voluntária deu 4 bovinos, 3 em 1940 e, até esta data, outros 3 em 1941. O diagnóstico clínico registou um bovino em 1940 e outro em 1941.

OVINOS

O gado lanígero da área desta Intendência de Pecuária pertence à raça chamada *merino dos barros*, que, segundo Bernardo Lima, «tem bastante semelhança com a do merino *estante* ou sedentário das terras de barro da Estremadura espanhola, da qual por sem dúvida ela deriva».

Estes ovinos, cuja melhor representação nestas paragens se encontra nos concelhos de Elvas e Campo-Maior, são uns brancos e outros prêtos e o seu efectivo, absoluto e comparado com o de 1934, é como segue:

CONCELHOS	EFFECTIVOS		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Total	188.651	204.473	15.822	
Arronches	18.650	21.492	2.842	
Aviz	31.135	29.836		1.299
Campo-Maior.	17.758	18.997	1.239	
Elvas.	52.560	69.378	16.818	
Fronteira.	15.786	15.041		745
Monforte.	30.387	29.701		686
Sousel	22.375	20.028		2.347

A propósito dêste acréscimo de cabeças ovinas, sôbre que já foram feitas algumas considerações, destaca-se que o concelho de Elvas acusa, mesmo tomando em conta as devidas proporções, aumento considerável, 16.818 cabeças, superior por si à acrescência total da área.

¿Teria êle sido feito à custa de outras espécies, sobretudo dos bovinos e dos caprinos?

A consulta dos mapas respectivos mostra um aumento de 550 bovinos e a diminuição de 1851 caprinos só pode justificar uma insignificante parte dêsse aumento. Explicam-no a redução da área cultivada e o melhor aproveitamento, por parte dos lanígeros, das pastagens criadas nas novas terras de pousio.

Julga-se de algum interêsse comparar os efectivos arietinos através dos vários censos pecuários realizados:

1870	103.641 cabeças
1920	186.864 »
1925	191.002 »
1934	188.651 »
1940	204.473 »

Pelo geral, os ovinos prêtos são mais corpulentos que os brancos e o melhoramento de uns e outros tem-se feito pelo emprêgo de sementais merinos transumantes espanhóis e com merinos da região de Santarém.

A exploração do gado lanar visa quatro produções importantes — a carne, a lã, o leite e o estrume.

A carne de borrêgo e a dos animais já envelhecidos ou enfraquecidos constitui o maior rendimento das explorações desta espécie.

A lã não possui tipo uniforme; encontram-se animais em que ela é elástica, fina e resistente, de boa classificação, com os requesitos necessários à fabricação dos melhores tecidos nacionais, ao lado de outros a cujo velo faltam completamente êsses predicados.

O leite fornecido por êstes prestantes animais não é consumido em natureza, mas transformado em queijo, para o que foi criada uma indústria *suis generis*. As ovelhas são ordenhadas ao ar livre em apriscos especiais formados por cancelas ou rêdes que delimitam um rectângulo de terreno, e o leite ordenha-se directamente para o *ferrado*, vasilha de lata com feitio adequado à operação. Bastam dois ou três homens com os respectivos ferrados para, em aprisco de largura conveniente, ordenharem um alavão¹ de algumas centenas de ovelhas.

As dejeccões, muito ricas em elementos fertilizantes, são aproveitados *in loco* como estrume. O rebanho dorme duas ou três noites consecutivas no mesmo espaço de terreno, passadas as quais se muda o bardo ou redil para terreno contíguo. Na Primavera enterra-se o estrume por meio de lavoura.

1 — Rebanho de ovelhas paridas a que foram retirados os filhos, para se aproveitar o leite no fabrico do queijo.

Pode ajuizar-se do valor económico da exploração dêste gado pela seguinte conta¹, referente a um rebanho de 400 cabeças.

Capital	400 ovelhas a 100\$00	40.000\$00	
	20 carneiros sementais a 200 \$00	4.000\$00	
	Total.....	44.000\$00	

Receita

Leite — 360 ovelhas a 20\$00	7.200\$00	
Estrume	4.792\$00	
Borregos — 360 cabeças (10 % de ovelhas fôrras) a 35\$00	12.600\$00	
Lã — 720 Kgs. a 6\$00	4.320\$00	
Carne (10 % de ovelhas refugadas)	2.400\$00	
Peles (5 % de perdas) — 20 a 5\$00	100\$00	31.412\$00

Despesa

2 pastores a 600\$00 por mês	6.300\$00	
1 ajuda a 190\$00 por mês	2.200\$00	
Pastagem	6.000\$00	
Vacina anticarbunculosa... ..	400\$00	
Baixas (5 % por morte e outras causas)	2.000\$00	
Mão de obra, carros e material para a malhada do pastor	500\$00	
Cancelas para bardos	200\$00	
Juro do capital (6 %)	2.640\$00	20.240\$00
Saldo positivo... ..		11.172\$00

Vê-se que a produção de um borrego é perfeitamente possível a 35\$00.

Os ovinos estão sujeitos a várias doenças que grassam mais ou menos.

A carbunculose é de tôdas a que determina maior número de baixas apesar do uso, já muito divulgado, de lipovacinas, tipo *carbozoo*, cujos efeitos imunizantes são muito apreciáveis. A generalização do seu emprêgo reduziu o número de focos, donde é lícito concluir pela diminuição da quantidade de baixas.

A sarna psorótica determina prejuízos na lã e compromete o desenvolvimento das crias e a nutrição dos adultos. O uso persistente dos agentes anti-sarnosos consegue debelar a ectoparasitose.

A cenurose ou torneio, sobretudo nos animais de 6 a 18 meses de idade, ocasiona certo número de baixas.

A distomatose ou papo, pouco freqüente, em certos casos é bastante curável.

As dictiocauloses também ocasionam alguns prejuízos em anos de abundantes chuvas.

A variola ou gafeira, que aparece raramente, apresenta malignidade variável e é facilmente combatida pela aplicação da linfa variólica.

1—Cumpre dizer que em tôdas as contas de exploração os valores se referem à média dos últimos anos e não aos preços, muito alterados, dêstes tempos anormais.

As diarreias, que surgem com alguma freqüência, principalmente nos borges, são umas vezes de origem colibacilar¹ e outras vezes causadas por deficiências alimentares.

CAPRINOS

Os caprinos da área desta Intendência de Pecuária pertencem na sua quasi totalidade ao tronco europeu ou *Capra hircus europæa*, raça dos Pirenéus, sub-raça charnequeira, variedade alentejana.

Aparacem também alguns exemplares da cabra da Serra da Estrela.

Nos concelhos de Elvas e Campo-Maior deparam-se ainda, hoje em bem menor número, representantes de um tipo caprino mais corpulento e de orelhas grandes semi-pendentes, derivados de um remoto cruzamento com bodes importados do interior da Estremadura espanhola, os quais, ao avêso dos que geralmente se encontram na zona fronteiriça da vizinha nação, eram cornudos.

O quadro seguinte mostra os resultados do arrolamento de 1940 e sua comparação com os de 1934:

CONCELHOS	EFFECTIVOS		Diferenças para menos
	1934	1940	
Total	24.763	17.038	7.725
Arronches	4.280	3.379	901
Aviz	6.855	4.558	2.297
Campo-Maior	2.079	1.577	502
Elvas	4.918	3.067	1.851
Fronteira	1.732	1.678	54
Monforte	3.232	1.645	1.587
Sousel	1.667	1.134	533

O efectivo, mais ou menos diminuído em todos os concelhos, sofreu no total apreciável redução.

O desaparecimento de pastagens apropriadas à alimentação destes animais é a principal causa dessa baixa, que se vem manifestando com alternativas várias, mas ultimamente bem acentuada, conforme os registos dos arrolamentos efectuados:

1870	33.338 cabeças
1920	29.879 »
1925	30.405 »
1934	27.763 »
1940	17.038 »

1 — João Garcia Pereira, *As colibaciloses dos animais domésticos* (Revista de Medicina Veterinária — 1940).

Os caprinos são aproveitados pela produção da carne, de fraco rendimento, e pela sua aptidão galactófora. A indústria utiliza as peles para fabricação de luvas e outros artigos.

Muito se há discreateado àcerca das vantagens e inconvenientes da capricultura. Muitos têm considerado nocivo este airoso e inteligente animal pelo seu instinto vagabundo e predileção para roer as plantas. E assim é em absoluto, mas as coisas não podem tomar-se sempre ao pé da letra; há circunstâncias em que a cabra não só é útil, mas indispensável.

A este propósito diz o falecido médico-veterinário Dr. João Francisco Tierno: «a cabra charnequeira, pela carne e pelo leite, embora pouco que se produz, é uma insubstituível máquina transformadora de plantas espontâneas nos plainos mais áridos e desabrigados do sul e por isso se vai conservando, senão melhor, pelo menos no estado em que há séculos existe».

Não menos apodíctico é estoutro passo do Dr. Ruy de Andrade: «A cabra é a vaca do pobre e dos pequenos centros onde não há vacas leiteiras; a supressão dela equivaleria nas povoações rurais a privar de leite as crianças cujas mães não pudessem amamentar.»

Oportunamente, quando em 1937 se discutiu na Assembléia Nacional a lei do repovoamento florestal, foi defendida a existência de caprinos nos baldios da serra da Estrêla. Existe aí uma florescente indústria de lacticínios, em parte mantida pela aptidão galactófora de dezenas de milhar de animais desta espécie.

O insigne zootecnista Bernardo Lima produziu a este propósito incisiva e competente demonstração do prestadio aproveitamento de rebotalhos forraginosos pelos caprinos. «Os que só vêem na cabra um animal de instinto vagabundo, de dente daninho para as plantações, podendo e devendo só viver nas charnecas de mais ingrato pascigo, longe e bem longe dos agros em cultivacão, esses acharão sempre muito o pouco gado caprino que qualquer recenseamento acuse, e pedem à Providência que faça nascer um lobo ao pé de cada cabra, ou que a breca as leve a tôdas. Mas os que sabem quanto a rês caprina cede daquele instinto vagabundo e se amolda à mais permanente e rigorosa estabulação em que não pode danificar plantações, antes aproveitar por sua alta energia digestiva forragens grosseiras ou menos gratas para outro gado, convertendo-as em carne, leite e estrume, podendo por esta forma viver nos centros de mais apurada cultura, esses... afirmam a prestante utilidade de semelhante gado, e proclamam até que elle é vantajosamente económico em duas situações agrícolas bem opostas: na da pequena propriedade, em terras escarpadas e serranas onde há vinhas; e na de vastos latifúndios, onde predomina a charneca, em que mal pode viver o careo mais ordinário».

Presentemente, aqui não se reservam terrenos para apascentar caprinos; só se aproveitam para isso as pequenas manchas de mato. Contudo percorrem de preferência os pousios de terras onde crescem e medram certos arbustos e subarbustos espontâneos (xaras ou estêvas, carapetos, giesta, tojo, carapinhas, carrasqueiras, piornos, etc.).

A apertada rotaçao das terras não dá tempo ao crescimento daquelas espécies botânicas, o que deve ser causa da diminuição do número de caprinos.

A observação de algumas dezenas de anos permite concluir que estes animais

perderam aqui o seu ambiente predilecto a ponto de se ressentirem na sua saúde e, em determinadas condições, morrerem. Falta-lhes o abrigo contra os ventos e contra a umidade, que a mancha de estêvas e rosmaninhos lhes prestava.

As cabradas são encerradas de noite em bardos de altas cancelas, porque êstes animais conservaram na domesticação certa agilidade. Consigno aqui o hábito antigo, do tempo da minha meninice, hoje caído em desuso, que consistia em levar o rebanho à pastagem (chamavam-lhe então *repasto*) nas madrugadas de Inverno.

As crias, nos primeiros meses de vida, vivem em cabanas de mato ou *chicadas*, especialmente construídas para êsse fim, com um cercado ou curral à frente onde os cabritos ou chibos brincam.

As fêmeas improdutivas, as de refugo e os bodes desnecessários são vendidos com destino ao matadouro.

A economia da exploração pode avaliar-se pela seguinte conta:

Capital	100 cabras a 130\$00	13.000\$00
	5 bodes a 200\$00	1.000\$00
	Total.....	14.000\$00

Receita

Estrume	100\$00	
Peles	50\$00	
Chibos — 90 cabeças (10 % de cabras fôrras) a 40\$00	3.600\$00	
Carne (10 % de cabras refugadas)	1.100\$00	
Leite — 7.200 litros em 8 meses	8.640\$00	13.490\$00

Despesa

Cabreiro e ajuda	5.160\$00	
Pastagem	1.000\$00	
Vacina anticarbunculosa... ..	100\$00	
Baixas (5 % por morte e outras causas)	550\$00	
Malhada (material, carroto e mão de obra)	100\$00	
Cancelas e reparações	100\$00	
Licença sanitária para venda do leite	95\$50	
Contribuição do Estado	189\$00	
Licença camarária e aferição de medidas	101\$20	
Laboratório (fiscalização) — \$05 por litro	360\$00	
Juro do capital (6 %)	840\$00	8.595\$70
Saldo positivo... ..		4.894\$30

Um chibo pode, pois, criar-se a 40\$00.

Entre as doenças observadas figuram o carbúnculo hemático em primeiro lugar, depois a pleuro-pneumonia, a varíola, a febre aftosa e a papeira ou distomatose; em chibos e cabritos observei já também o reumatismo infeccioso.

SUÍNOS

Na área desta Intendência de Pecuária pode dizer-se que quási não existe um suíno que não seja de raça alentejana.

O quadro seguinte informa da distribuição do actual efectivo e correspondentes diferenças em relação ao de 1934:

CONCELHOS	EFFECTIVOS		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Total	69.147	64.572		4.575
Arronches	8.512	10.868	2.356	
Aviz	14.552	10.663		3.889
Campo-Maior	4.527	3.422		1.105
Elvas	13.558	13.600	42	
Fronteira	5.917	6.052	136	
Monforte	11.318	8.226		3.092
Sousel	10.963	11.740	977	

Já em outro lugar se referiram as causas desta diminuição, entre as quais se hão-de considerar de maior influência a carestia dos cereais (cevada, milho, etc.) e o baixo preço da carne.

Esta espécie, essencialmente alimentar, fornece a carne e as gorduras, matérias primas da indústria de salchicharia, que fabrica produtos muito apreciados nos mercados de Lisboa e da África portuguesa.

O gado suíno alentejano e o seu modo de exploração, por suficientemente conhecidos, dispensam bem qualquer nota descritiva. Em todo o caso manifesta-se o convencimento de que a excelência de qualidade e o aspecto especial do suíno da região de Elvas se deve à intervenção do Homem (expressa na acção selectiva e no regime higitécnico adequado), a circunstâncias naturais (boa percentagem de leguminosas na vegetação espontânea) e a condições económico-agrícolas (conjunto da exploração arvense e arbórea representada por larga cultura de cereais, de sobreiros, de azinheiros e de oliveiras).

Para dar a conhecer as condições económicas em que ao presente está decorrendo a criação, apresentamos em seguida a conta de exploração de uma vara:

Capital	34 porcas a 500\$00	17.000\$00
	8 varrascos a 550\$00	4.400\$00
	Instalações para porcas, bácos e pessoal ...	12.000\$00
	Total.....	33.400\$00

Despesa

Juro do capital (6%)	2.004\$00		
Conservação das instalações	200\$00	2.204\$00	
Soldadas e comedorias de dois porquinhos e dois ajudas	8.524\$00		
Pastos de uma porca	260\$50		
» » 12 leitões	498\$00		
» » 5 porcos de 6 a 18 meses	900\$00		
» » 2 burras	300\$00	10.482\$50	
Sustento das porcas durante dois meses de aleita- mento (3.600 litros de aveia a \$45)	1.620\$00		
Sustento de 42 cabeças no montado durante dois meses (valor da bolota de 10 cabeças)	3.000\$00		
Pastagem para 42 cabeças durante quatro meses ...	1.680\$00		
Agostadouro durante dois meses	1.680\$00		
Alimentação (farelos e bagaço de azeitona ou farelos, bagaços de azeitona e de oleaginosas e alguma pastagem) durante dois meses	840\$00	8.820\$00	
Desvalorização de 8 porcas (diferença entre 500\$00 e 350\$00 em cada porca)	1.200\$00		
Valor das ervas dadas à criação (165 leitões nasci- dos em fins de Março e princípios de Abril) até à vacina durante 30 dias (de Maio a Junho) a \$15 cada dia	742\$50		
Cevada para 165 leitões em 75 dias até à vacina (3 meses de idade) ou 30 litros a cada leitão (4.950 litros) a \$50	2.475\$00		
Valor do agostadouro para 153 leitões (após o refugio de 12 leitões) durante 75 dias (de Julho a 15 de Setembro) a \$20	2.295\$00		
Cevada para 153 leitões depois do agostadouro (de 15 a 30 de Setembro) — 10 litros a \$50	765\$00	7.477\$50	
Cevada para 165 leitões (nascidos em fins de Setem- bro e princípios de Outubro) durante 60 dias ou 30 litros a cada leitão (4.950 litros) a \$50	2.475\$00		
Bolota para 153 leitões depois da desmama e do re- fugio de 6 cabeças (aos dois meses)	1.800\$00		
Valor das ervas para 153 leitões em Fevereiro e Mar- ço a \$15	1.377\$00		
Cevada para 153 leitões durante 45 dias (de 15 de Fevereiro a 31 de Março) ou 20 litros a cada um (3.060 litros) a \$50	1.530\$00	7.182\$00	
Vacinas (contra a peste, mal rubro, carbúnculo e septicemia) e sua aplicação ¹	4.131\$00		
Leitões (2 dos 2 aos 6 meses) mortos por acidente ou doença	260\$00	4.391\$00	40.557\$00

Receita

24 leitões de refugio a 15\$00	360\$00		
306 » com 6 meses a 130\$00	39.780\$00		40.140\$00
Saldo negativo			417\$00

1 — Máximo previsto, pois nem a tôdas as varas se aplicam as quatro vacinas.

No tipo da exploração aqui representada o preço do custo de um leitão de 6 meses de idade pode considerar-se 130\$00.

A defesa ou protecção da suinicultura deve muito ao conhecimento, cada vez mais profundo, da patologia dos porcos. A diferenciação etiológica, a preparação de produtos biológicos de grande valor imunológico e a expansão da assistência médico-veterinária têm contribuído largamente para o profícuo combate, a um tempo profilático e curativo, de algumas das mais mortíferas doenças dos porcos.

Sem este recurso teríamos assistido, aí por 1917-1921, a uma diminuição extremamente sensível no efectivo destes animais. Surgiu por essa época uma recrudescência epizootica de tal expansão e persistência, que largo e profundo depauperamento deveria causar se não existissem os meios próprios de combate — os soros e vacinas adequadas.

São bem conhecidas as doenças que mais vítimas fazem entre os suínos: a peste, a septicemia hemorrágica, o mal rubro, a carbunculose, as zooparasitoses (sobretudo a ascaridiose, a gigantorrincose e a tricuriose), a colibacilose e as intoxicações alimentares.

ANIMAIS DE CAPOEIRA

Neste agrupamento as galinhas sobrelevam em número e valor.

Entre as outras espécies avícolas figuram os patos marrecos e patos reais, os gansos, o peru vulgar e alguns mestiços deste com outros de raça de maior peso.

Nos columbideos acha-se representado o pombo correio e o pombo próprio para o desporto do tiro.

A cunicicultura fornece o coelho vulgar ou comum, os Rex, os gigantes da Flandres e espanhol, fora diversos mestiços.

As galinhas indígenas, pertencentes à raça mediterrânica, têm sofrido grande influência das raças Orpington, Leghorn, Minorca, Plymouth Roch e Rhode Island Red.

Compreende-se que tal miscelânea torne difícil ou impossível obter qualquer tipo mais adequado ao meio.

Há sete anos que venho a tentar a formação de um grupo isento de sangue exótico, correspondendo ao tipo mais representativo da região — galinha preta sem calça (género castelhanha), de saborosa carne e com apreciável vocação oopoética.

São animadores os resultados do trabalho selectivo até agora realizado — razoável rendimento em carne, boas médias de postura, precocidade igual à das raças mais temporãs, resistência às doenças, boas chocadeiras e criadeiras e os pintos com rápido empenamento.

Não é aqui lugar azado para pormenorizar o método seguido e os resultados obtidos; aguardamos para isso melhor oportunidade e maior colheita de elementos. No entanto pode-se desde já informar que num grupo de 43 galinhas se obteve, durante seis meses de 1941, a seguinte produção de ovos:

Abril	852
Maior	680
Junho	565
Julho	499
Agosto	276
Setembro	257
Total.....	3.129

A média de produção nos seis meses foi de 72 ovos por galinha.

A contabilização do sustento e do rendimento em carne e ovos dá, para o mesmo período, uma despesa de 939\$00 e a receita de 1.368\$00, portanto um saldo positivo de 429\$00.

Os ovos e a carne foram avaliados pelo preço de venda e os alimentos pelo custo da sua aquisição.

Os pesos dos exemplares obtidos foram:

Frango de 7 meses de idade	2,700 Kgs.
Franga de 7 meses de idade	2,375 »
Galo de 18 meses de idade	3,300 »
Galinha de 18 meses de idade	2,600 »

Segundo tabelas publicadas, estes pesos estão entre os da raça Andaluza azul e os da raça Minorca. As pesagens de ovos deram unidades com 57 gramas, 60 gramas, 65 gramas e até 93 gramas.

O quadro seguinte indica os efectivos globais de animais de capoeira e as diferenças entre os dois últimos arrolamentos:

CONCELHOS	EFFECTIVOS		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Total	136.987	117.559		19.428
Arronches	16.849	13.870		2.979
Aviz	17.851	13.226		4.625
Campo-Maior	13.879	9.701		4.178
Elvas	41.353	37.757		3 596
Fronteira	12.224	10.095		1.129
Monforte	18.064	14.573		3 491
Sousel	16.767	17 337	570	

Conforme já coube dizer, as importantes diferenças para menos aqui registadas explicam-se pelo encarecimento das substâncias alimentares sem contrapartida no preço dos produtos, principalmente os das galinhas, e pela falta de manifesto por parte de pequenos donos.

VALOR PECUNIÁRIO

Por comodidade e facilidade tem-se determinado o valor dos gados pela estimativa atribuída a uma cabeça normal de 280 quilogramas.

Experimentou-se, para cabalinos e ovinos, achar êsse valor segundo a maior valia resultante da idade de cada cabeça natural e reconheceu-se que as médias dos valores obtidos são sensivelmente as do arrolamento de 1934.

Para evitar desnecessárias modificações e tornar comparáveis os resultados, foram adoptados os valores dêsse arrolamento, o que, além do mais, corresponde também a uma realidade. O quadro seguinte vai mostrar a razão dêsse critério.

Valor dos gados e sua distribuição

ESPÉCIES	CABEÇAS NATURAIS				CABEÇAS NORMAIS ¹					Relação entre cabeças de gado grosso e gado miúdo	VALOR DOS GADOS			
	Efectivos apurados	Por Km ²	Por 1.000 habitantes	Porcentagem na massa pecuária	Total	Por Km ²	Por 1.000 habitantes	Relação entre cabeças normais e naturais	Porcentagem na massa pecuária		Total (Contos)	Porcentagem em relação ao valor da espécie	Por 1.000 habitantes (Contos)	Por Km. ² (Contos)
Total	310.865	110,92	3.119,52	99,34	59.209	21,12	746,53	5,2	99,10	11,54	63.906	99,98	805	22
Cavalar .	2.934	10,40	36,99	0,90	2.934				4,09		4.589	7,18		
Muar....	6.753	24,09	85,14	2,17	6.753				11,40		12.115	18,95		
Asinina .	3.704	13,21	46,70	0,59	1.852				3,12		1.118	1,74		
Bovina ..	11.391	40,64	143,62	3,66	11.391				19,23		17.245	26,98		
Ovina ...	204.473	729,51	2.578,08	65,77	18.588				31,39		10.837	16,97		
Caprina .	17.038	60,79	214,82	5,48	1.548				2,61		1.601	2,50		
Suína ...	64.572	230,41	814,13	20,77	16.143				27,26		16.401	25,66		

A análise do quadro mostra que as 11.391 cabeças normais bovinas valem mais que as 18.588 cabeças normais ovinas. Isto só pode significar ou que a equivalência adoptada não é a melhor ou a valorização se não deve fazer através de cabeças normais.

Para a equivalência corresponder a uma valorização conveniente seria necessário estabelecer a proporção de cerca de 30 ovinos para uma cabeça normal, o que, ajustando-se aos valores, tem foros de desconchavo que chega a ofender a própria realidade do artifício criado pelo pensamento humano — a cabeça normal.

Parece demonstrado que outro critério deverá seguir-se — o da valorização das cabeças naturais por espécies e por idades.

¹ — Segundo o arrolamento de 1934, uma cabeça normal equivale a uma cabeça cavalar, muar ou bovina; a duas cabeças asininas; a onze cabeças ovinas ou caprinhas; a quatro cabeças suínas.

Aos 63.906 contos — valor aproximado dos gados desta área — devem juntar-se 470 contos — valor aproximado dos animais de capoeira —, o que perfaz 64.376 contos.

A comparação dos valores totais nos dois arrolamentos, o de 1934 e o de 1940, mostra neste uma diferença de 2.429 contos para menos¹.

Dentro do quadro das espécies alimentares, a par do aumento de 838 contos nos ovinos, observa-se a diminuição de 449 contos nos bovinos, 727 contos nos caprinos, 1.162 contos nos suínos e 78 contos nos animais de capoeira.

Houve, pois, depressão de valor, como igualmente houve, no grupo das espécies alimentares, diminuição de cabeças normais equivalente ao pêsso total de 208 mil quilogramas².

A seguir se mostram os resultados dos arrolamentos de gados e animais de capoeira realizados desde 1870:

Efectivos pecuários através dos vários arrolamentos

(Cabeças naturais)

ESPÉCIES	1870	1920	1925	1934	1940
Gados					
Equinos	2.204		3.050	2.946	2.934
Muares.	3.299		5.570	6.948	6.753
Asininos	3.873		5.486	5.298	3.704
Bovinos	13.799	11.385	12.792	11.687	11.391
Ovinos	103.641	186.864	191.002	188.651	204.473
Caprinos	33.338	29.879	30.405	24.763	17.038
Suínos	35.144	36.238	41.586	69.147	64.572
Animais de capoeira					
Galinhas				96.438	76.858
Patos				3.746	3.635
Perus.				6.444	5.645
Pombos.				17.555	20.893
Coelhos.				12.804	10.528

O aumento aparente do número de cabeças de gado de 1870 a 1940 (exceptuando os asininos, os bovinos e os caprinos, onde houve diminuição) não corresponde ao aumento da área cultivada. Assim, às 46 cabeças normais por quilómetro quadrado da área cultivada em 1870, correspondem 37 cabeças normais para a área cultivada em 1940.

1—Já mais acima se disse que são iguais os valores atribuídos nos dois arrolamentos às cabeças de gado das diferentes espécies e aos animais de capoeira.

2—Neste cálculo foi adoptado o pêsso de 280 quilogramas por cada cabeça normal, conforme estabelece o Prof. Paula Nogueira.

Relativamente à área necessária para sustentar uma cabeça normal, verifica-se que são precisos 4,6 hectares de área absoluta¹, o que ainda está longe do ideal de um hectare por cabeça.

Se, porém, admitirmos que a área cultivada, excluída a área de olivais, hortas, vinhas, etc., é 57 % da área absoluta, obtemos 2,6 hectares para sustentação de uma cabeça normal, o que já não fica distanciado dos 2 hectares que o Prof. Paula Nogueira considera como aspiração natural.

O exame do quadro referente ao valor dos gados e sua distribuição revela também que o número de cabeças naturais é de 110,92 por quilómetro quadrado e de 3.919,52 por 1.000 habitantes, a que em 1934 correspondiam, respectivamente, 110,41 e 3.901 cabeças naturais².

Nos animais de capoeira regista-se uma diminuição de 19.428 animais.

Pode-se, pois, dizer que, não obstante o aumento de 1.425 cabeças naturais em 1940, a massa pecuária diminuiu em cabeças normais e em valor.

A relação entre cabeças normais e naturais, que era de 5,07 em 1934, passou para 5,2. As percentagens de cada espécie na massa pecuária encontram-se principalmente diminuídas nos asininos, caprinos e suínos.

A riqueza pecuária por quilómetro quadrado, que era de 23 contos em 1934, passou para 22 contos; a correspondente a 1.000 habitantes, que era de 1.060 contos em 1934, passou para 805 contos.

A relação entre o gado grosso e o gado miúdo passou de 10,51 em 1934 para 11,54 em 1940.

O empobrecimento pecuário fica assim bem demonstrado pelos números.

Dêste capítulo há-de concluir-se pela diminuição de pêso das espécies alimentares em face do aumento de 13.173 habitantes³, acusado pelo censo populacional de 1940 em relação ao de 1930.

Já em 1929 o Prof. Paula Nogueira, ao apreciar o nosso pequeno incremento pecuário durante o período de 1870 a 1925, comentava:

«Em rigor, pode-se afirmar ter havido um retrocesso, pois que, de 46 cabeças normais existentes por quilómetro quadrado da área cultivada em 1870, retrogradámos no ano de 1925 para 33 cabeças normais dentro da mesma unidade territorial».

«Aumentou a população humana e, relativamente, muito mais a área cultivada, dois poderosos factores do incremento pecuário, e, todavia, êsse progresso não se acentuou proporcionalmente, como era lícito esperar».

O relatório preliminar do arrolamento pecuário de 1934 refere que, de 1925 para 1934, o pêso da massa armentosa das quatro espécies alimentares diminuiu 6.188 toneladas.

1 — A área da Intendência da Pecuária de Elvas é de 2.759,32 Km².

2 — A monografia do importante e dedicado lavrador Dr. Ruy de Andrade sobre *A Pecuária Alentejana* revela, em relação ao arrolamento de 1940, que na área desta Intendência de Pecuária, constituída por sete concelhos, existem cinco com mais de 20 cabeças normais por Km², ao passo que os distritos de Évora e Beja, o primeiro formado por treze e o segundo por catorze departamentos concelhios, só apresentam, respectivamente, quatro e um com aquêlê índice pecuário.

3 — O censo da população de 1930 regista 67.887 habitantes e 81.060 o de 1940.

O fenómeno tem, como se vê, aspecto grave, pois se vem verificando desde muito e, repetido no último arrolamento na área desta Intendência de Pecuária, é de supor a sua manifestação noutras se não em tôdas as restantes Intendências¹.

Regista-se, pois, um depauperamento pecuário em concomitância com um apreciável aumento populacional, aproximadamente 15 %.

Não diminuiu, porém, a capitação dos portugueses em carne; antes aumentou ligeiramente em virtude de maior consumo de carne importada, sobretudo dos Açores e da África portuguesa.

Em 1925, excluídas as cidades de Lisboa e Pôrto, onde a capitação foi de 22 quilogramas, a população do território continental apenas consumiu 4 quilogramas por habitante; em 1930 consumiu 6 quilogramas e 7 quilogramas em 1940.

Em Lisboa e no Pôrto a capitação de 1930, como a de 1940, foi de 23 quilogramas.

A comparação com outros países não nos é favorável. A seguinte nota, extraída do «Boletim da Asociacion General de Ganaderos» (Espanha), relativo ao ano de 1925, mostra isso mesmo:

Inglaterra	47	quilogramas
França	34	»
Bélgica	31	»
Alemanha	29	»
Espanha	35,09	»
Estados Unidos	64	»
Argentina	128	»
Austrália	111	»
Itália	12	»

A capitação portuguesa, incluindo Lisboa e Pôrto, foi de 7,1 quilogramas em 1925; de 8,4 quilogramas em 1930; de 9,8 quilogramas em 1940. O cálculo teve como base os números oficiais do pêso do gado abatido para consumo público e a estimativa do pêso do gado abatido para consumo particular, para o que se admitiram matanças de 100.000 porcos em 1925, de 102.000 em 1930 e de 106.000 em 1940 com o pêso médio de 70 quilogramas de carne por cabeça.

Conhece-se o largo consumo que os portugueses fazem de peixe, principalmente bacalhau, mas isso não obsta que seja julgada insuficiente a substituição da carne pelo peixe.

Segundo parece averiguado, a nossa capitação de ovos, leite e queijo é também insignificante. Citam-se a êste propósito os seguintes números: 3,4 ovos; 10,8 litros de leite e 1.269 gramas de queijo.

Sendo assim, pode dizer-se que os portugueses vivem em permanente regime de insuficiência alimentar e aos economistas e governantes cabe encontrar remédio ou remédios para tão grande e profundo mal, que pode vir inclusivamente a afectar a existência da população.

1—Os três distritos alentejanos apresentam, segundo o Dr. Ruy de Andrade, menos 23.535 cabeças normais que em 1934.

COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS VALORES AGRO-PECUÁRIOS

Ao valor dos gados e animais de capoeira há-de acrescentar-se o dos seus produtos anuais, cuja determinação é como segue:

Carne		
Bovinos		
2.278 reses com 380.426 Kgs. $\times$ 8\$00 =	3.043.408\$00	
Ovinos		
71.565 reses com 1.145.040 Kgs. $\times$ 8\$00 =	9.160.320\$00	
Caprinos		
5.963 reses com 89.445 Kgs. $\times$ 8\$00 =	715.560\$00	
Suínos		
22.600 reses com 1 356.000 Kgs. $\times$ 8\$00 =	<u>10.848.000\$00</u>	23.767.288\$00
Gorduras e sebos		
Suínos		
1.017.000 Kgs. $\times$ 5\$70 =	5.796.900\$00	
Bovinos		
27.336 Kgs. $\times$ 2\$00 =	54.672\$00	
Ovinos e caprinos		
23.258 Kgs. $\times$ 2\$00 =	<u>46.516\$00</u>	5.898.088\$00
Leite		
Bovinos de trabalho		
1.644 vacas a 330 Ls. = 542.520 Ls. $\times$ 1\$20 =	651.024\$00	
Bovinos leiteiros		
7.420 cabras a 80 Ls. = 593.600 Ls. $\times$ 1\$20 =	579.150\$00	
Ovinos		
95.117 ovelhas a 13 Ls. = 1.236.521 Ls. $\times$ 1\$50 =	1.854.781\$00	
Caprinos		
7.420 cabras a 80 Ls. = 593.600 L. $\times$ 1\$20 =	<u>712.320\$00</u>	3.797.275\$00
Lã		
143.131 ovinos a 2 Kgs. = 286.262 Kgs. $\times$ 10\$00 =		2.862.620\$00
Peles		
90.107		1.495.000\$00
Estrumes		
414.463 toneladas		4.144.000\$00
Trabalho		
Equinos		
587 a 100 dias = 58.700 dias $\times$ 15\$00 =	880.500\$00	
Muares		
5.402 a 300 dias = 1.620.600 dias $\times$ 15\$00 =	24.309.000\$00	
Asininos		
1.852 a 90 dias = 166.680 dias $\times$ 5\$00 =	833.400\$00	
Bovinos		
9.112 a 167 dias = 1.521.704 dias $\times$ 10\$00 =	<u>15.217.040\$00</u>	41.239.040\$00
Total.		<u>83.204.211\$00</u>

Ajuntando o valor da carne e ovos dos animais de capoeira — 615 contos — ao da produção dos gados, obtém-se a cifra de 83.819 contos, soma dos valores das produções materiais e dinâmicas dos animais domésticos.

Se a estoura quantia acrescentarmos 64,376 contos, valor calculado para as espécies pecuárias, apura-se o montante de 148.195 contos, em que pode avaliar-se aproximadamente a massa pecuária e sua correspondente produção média anual.

A comparação dêste apreciável valor da nossa economia pecuária com o das principais produções vegetais — olivicultura, cereais, legumes, batatas, azeite, e vinho — pode fazer-se em presença dos dados a seguir, baseados nos elementos da Estatística Oficial e nos obsequiosamente fornecidos pelas Delegações locais da Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

Número de oliveiras em 1932¹

CONCELHOS	Total	Em plena produção	Novas e pouco produtivas
Total	1.889.030	1.324.400	564.630
Arronches	129.580	77.920	51.660
Aviz	207.110	131.470	75.649
Campo-Maior	474.700	332.130	142.570
Elvas	473.350	359.690	113.660
Fronteira	103.370	68.890	34.480
Monforte	73.210	46.950	26.260
Sousel	427.710	307.350	120.360

1 — Considerado o apuramento mais perfeito e exacto de todos os ultimamente realizados.

As oliveiras e sua produção anual foram sempre atribuídos, com referência a 1940, os seguintes valores:

Oliveiras

1.324.400 pés × 30\$00 =	39.732.000\$00	
564.630 pés × 10\$00 =	<u>5.646.300\$00</u>	45.378.300\$00

Azeite

Média da produção anual — 3.735.830 Ls. × 5\$60 =	<u>20.920.648\$00</u>	66.298.948\$00
---	-----------------------	----------------

Trigo

Média da produção anual — 29.520.720 Kgs. × 1\$30		38.376.910\$00
---	--	----------------

Produção das culturas anuais e vinho

Média anual		22.900.000\$00
Total		<u>127.575.858\$00</u>

CONCLUSÕES

Dêste relatório conclui-se:

1.º — Que as condições geo-agrológicas e, sobretudo, as condições climáticas da região influenciam as culturas, a vegetação espontânea e a animalicultura, imprimindo-lhes em alguns casos uma fâcies particular.

2.º — Que há empobrecimento agro-pecuário e concentração pecuária, concomitantes com um aumento de população humana.

3.º — Que o valor aproximado da massa pecuária por habitante é de 1.595\$00.

4.º — Que em relação ao seu valor, os gados se escalonam assim por ordem decrescente — bovinos, suínos, muares, arietinos, cavalares, caprinos e asininos.

5.º — Que o valor aproximado da massa pecuária (gados e animais de capoeira) e da sua produção anual é de 148.189 contos, superior portanto em 20.615 contos à soma do valor dos olivedos e de tôda a produção anual de cereais, legumes, azeite, batata e vinho.

6.º — Que em relação ao censo pecuário de 1934, as variações específicas por concelhos são:

Diferenças para menos

Cabalinos — Elvas e Monforte

Muares — Campo-Maior e Sousel

Asininos — Aviz e Campo-Maior

Bovinos — Campo-Maior e Fronteira

Ovinos — Aviz e Sousel

Caprinos — Aviz, Elvas e Monforte

Suínos — Aviz, Campo-Maior e Monforte

Animais de capoeira — Aviz, Campo-Maior, Elvas e Monforte

Diferenças para mais

Cabalinos — Arronches e Campo-Maior

Muares — Arronches e Monforte

Bovinos — Arronches e Elvas

Ovinos — Arronches e Elvas

Suínos — Arronches e Sousel

Animais de capoeira — Sousel

Circunstâncias de direcção de organismos agrícolas e o exercício das profissões de agricultor e de médico-veterinário devem concorrer para o conhecimento de alguns problemas do agro. Com alguma razão se pode julgar necessário modificar com urgência as condições em que ao presente decorre a vida agrícola, melhorando a situação económica do agricultor e do trabalhador rural.

Alguns dos males aqui apontados devem ser o fundamento ou ponto de partida das queixas dos agricultores nas suas reuniões e representações. Atenta a sua gravidade, opina-se pelo estudo e adopção de medidas que amparem tão extensos e importantes interesses nacionais.

Intendência de Pecuária de Elvas, 20 de Novembro de 1941.

O Intendente de Pecuária

João Garcia Pereira